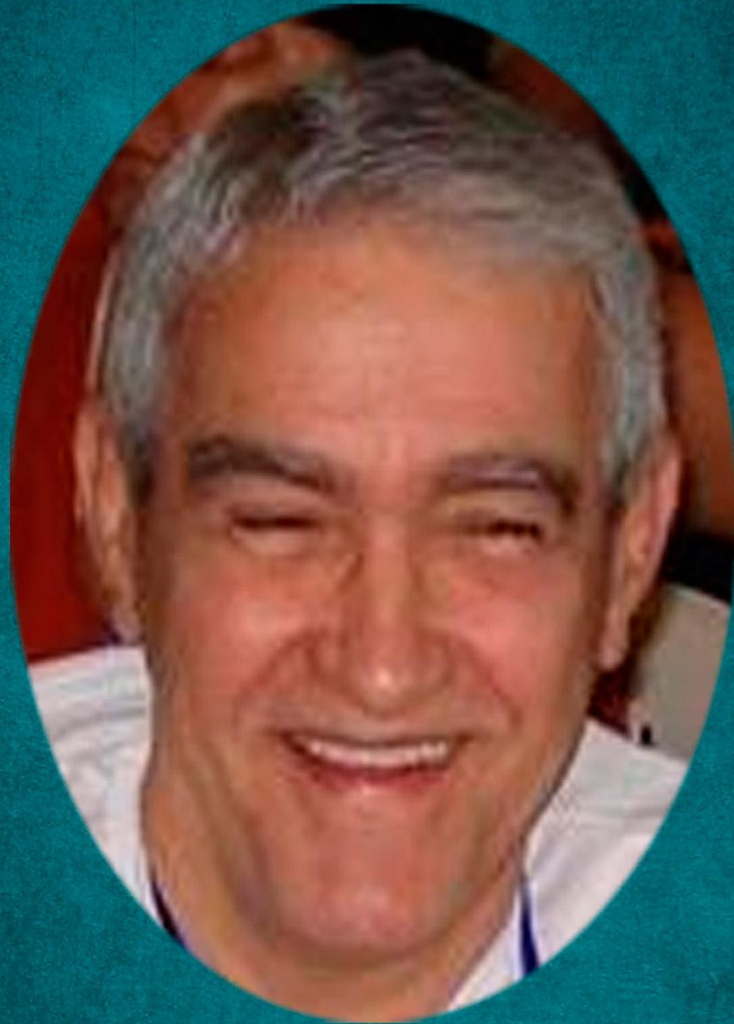


Carlos Bernardo Loureiro



Artigos do Jornal

Tribuna **da Bahia**

Artigos do Jornal

Tribuna da Bahia



Foto do pesquisador
Carlos Bernardo Loureiro

Sumário

O Passe - Histórico e Conceito (16/01/1999).....	3
Os Organismos Vivos são Campos de Energia (23/01/1999).....	6
Conceito Dínamo-Genético da Vida (30/01/1999).....	9
A Arte Poética dos Simbolistas (06/02/1999).....	12
Pesquisadores Pré-Kardequianos (20/02/1999).....	15
Energia e Consciência (27/02/1999).....	18
O Perigo de Ser Enterrado Vivo (06/03/1999).....	21
Os Conflitos Interiores de Freud e as Idéias Espíritas de Jung (1) (13/03/1999).....	23
Palingenesia - Ética e Dialética (27/03/1999).....	27
Einstein e Tagore (03/04/1999).....	30
Sonhos - As Causas do Esquecimento e as Técnicas (10/04/1999).....	33
A Chave da Angústia (17/04/1999).....	36
Como se Processa a Materialização de Espíritos (24/04/1999).....	38
O Transe Mediúnico (01/05/1999).....	42
Código Penal da Vida Futura (08/05/1999).....	45
Morte Coletiva (15/05/1999).....	49
Onde, Quando e como Jesus Nasceu? - Parte 1 (22/05/1999).....	51
Onde, Quando e como Jesus nasceu? - Parte 2 (29/05/1999).....	55
A Prece, o Pensamento e a Vontade (05/06/1999).....	56
“O Santo Inquérito” Uma trágica história de amor (12/06/1999).....	58
Antero de Quental e o supremo engano (19/06/1999).....	60
Espírito projeta sua imagem na TV (26/06/1999).....	62
O Ectoplasma (I) (10/07/1999).....	64
Análise histológica do ectoplasma (II) (17/07/1999).....	68
Propriedades humanas dos seres materializados (III) (24/07/1999).....	71
Criogênese - A Mumificação da era Moderna (31/07/1999).....	74
Os Espíritos Interferem em nossas Vidas? (07/08/1999).....	78
O Perispírito e a Transcomunicação (14/08/1999).....	81
Parábola dos Carreiros (14/08/1999).....	83
O Primeiro Laboratório de Pesquisas Espíritas (21/08/1999).....	86
O Sonho e a Realidade (28/08/1999).....	88
Os Processos Vitais e Determinantes da Morfogênese (11/09/1999).....	90
Os Senois e o Controle dos Sonhos (18/09/1999).....	91
A Casa de Todos os Caminhos (25/09/1999).....	93
Confidências de um Psiquista (02/10/1999).....	95

Auto-Obsessão (09/10/1999).....	96
A Prece, a Fé e a Razão (16/10/1999)	98
O Mestre e a Palavra (23/10/1999)	99
O Salmo da Bem-Aventura (30/10/1999).....	100
A Prece é uma Poderosa Forma de Energia (07/11/1999)	102
Premonições de Mortes Acidentais de Acontecimentos Fortuitos (20/10/1999).....	104
A Alquimia (27/10/1999).....	105
As Crianças e a Precognição Espontânea (04/12/1999)	108
O Passe - Histórico e Conceito (11/12/1999).....	111
Os Elementais (18/12/1999)	114

O Passe - Histórico e Conceito (16/01/1999)

Desde a mais remota antiguidade que os homens conhecem os segredos do magnetismo. As narrativas a respeito revelam que os magos da Caldéia, na Mesopotâmia e os Brâmanes, na Índia, curavam pelo olhar. Os egípcios sabiam utilizar-se do mecanismo do passe e da magnetização para a cura de variada gama de enfermidades.

Em Alexandria, destaca-se o trabalho de Arnóbio e Jâmblico que se referiram, em seus escritos, ao conhecimento que possuíam sobre a transfusão de energias.

Os outros povos antigos também dominavam a técnica de curar pelos passes e magnetização, assim como os romanos, os druidas, etc.

Mais tarde (século XIX), despontariam as pesquisas realizadas pelo coronel Albert de Rochas. O processo experimental de De Rochas consistia na aplicação de passes magnéticos longitudinais em seus pacientes, especialmente destinados a provocar o transe necessário às pesquisas em torno da regressão de memória.

Na conceituação do passe, utilizamos, aqui, as palavras proferidas a respeito pelo Espírito Aristides Spínola, através da mediunidade de Divaldo Franco:

“(…) Ensinos espíritas que recomendam a terapia fluídica, através da transmissão das energias de que todos somos dotados, seja pela utilização do recurso dopasse, seja pela magnetização da água, usando-se o contributo mental por processo de fixação telepática e transmissão de recursos otimistas, de energias salutares que refazem o metabolismo, contribuindo eficazmente para o restabelecimento da saúde mental e, por extensão, da psicofísica (vide ‘Terapêutica de Emergência’).

Na Universidade de Kirov, na Rússia, em que os cientistas descobriram o corpobioplasmático (perispírito), constatou-se, por meios tecnológicos, que a “força psíquica” de William Crookes é uma realidade vital na estrutura psicofísica do ser humano. O ectoplasma de Charles Richet, agindo nessas experiências como um plasma radiante, ratificou a teoria de Allan Kardec da ação dos fluidos semimateriais nos fenômenos mediúnicos e anímicos. A suposta incompatibilidade de matéria e antimatéria já havia sido afastada pela produção, em laboratório, de um antiátomo de hélio, comprovando-se a realidade dos espaços interpenetrados. De todas essas pesquisas - assegura o Prof. J. Herculano Pires - resultou necessariamente a comprovação da existência dos fluidos vitais invisíveis do organismo humano e de todos os organismos vivos, fotografados pela câmara Kirlian.

Essa revolucionária descoberta de Semyon Davidovich Kirlian, eletricitista de Crasnodar (região perto do Mar Negro), ofereceu-nos a chave do mistério das mãos e do passe.

As mãos funcionam, no exercício dopasse, como antenas que captam e transmitem as energias vitais.

A técnica do passe

A técnica do passe é de domínio dos Espíritos superiores. Somente eles conhecem a situação real do paciente, as possibilidades de ajudá-lo diante dos seus compromissos provacionais, a natureza dos fluidos que necessita.

“Na verdade” - afirma o Prof. J.H. Pires - “o médium só tem uma percepção vaga, geralmente epidérmica, dos fluidos”.

O trabalho do passe, nas casas espíritas, é conduzido pelas entidades mentoras. São elas que, antes de se iniciarem as sessões, estabelecem a proteção imprescindível do ambiente, preparando, paripassu, os médiuns. O recinto onde se ministram os passes é um pronto socorro. Os médiuns devem sintonizar-se com as esferas espirituais superiores, utilizando-se do recolhimento e da prece. A disciplina e a pontualidade são imprescindíveis.

Em se tratando de um Pronto Socorro, o médium pode assimilar vibrações negativas irradiadas no ambiente, pelos assistidos. Dêve-se proceder ao auto-passe e, em seguida, a um trabalho, coletivo, de meditação e relaxamento.

O estudo se faz absolutamente necessário. O dirigente dos trabalhos deve indicar aos médiuns passistas uma bibliografia adequada às tarefas que executam. Recomenda-se a leitura, em primeiro lugar, das obras básicas da Codificação do Espiritismo: “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, “O Céu e o Inferno” e a “Gênese”. Em seguida, os médiuns deverão lançar mão da bibliografia subsidiária, a exemplo das obras de Ernesto Bozzano, Paul Gibier, Carlos Imbassahy, J. Herculano Pires, Charles Richet, Gabriel Delanne, Léon Denis e outros expoentes da Ciência Espírita.

Os Organismos Vivos são Campos de Energia (23/01/1999)

As pesquisas realizadas, com absoluto sucesso, pelo casal Kirlian para confirmar, por sua vez, àquelas outras desenvolvidas pelo professor Alexander Gurvitch (1876-1946). Desde 1912 que o professor Gurvitch se ocupou, na Rússia com a morfogênese. Ao longo das pesquisas sobre a divisão celular das plantas, ele observou que as células de uma raiz de uma cebola eram estimuladas em um determinado ponto para aumentar a divisão celular quando a ponta da raiz de uma outra cebola era direcionada para aquele local. Foi constatado o mesmo efeito em diferentes tecidos de plantas e de animais, chegando-se à conclusão de ter sido identificada o que se rotulou de radiação mitogênica. Objetivando eliminar qualquer interferência de ordem química, o professor Gurvitch colocou as cebolas em separado, em pequenos vidros. Quando ele usava vidro de vidraças comuns, o efeito não acontecia.

Entretanto, quando usava o quartzo, a divisão celular continuava a ocorrer. No princípio o pesquisador russo imaginava que a radiação era puramente biológica; porém, observando com maior detalhe, verificou de que se tratava de ondas eletromagnéticas. Com o passar do tempo, descobriu que a energia que estrutura e regula todos os seres vivos é eletromagnética!

A verdade, porém, é que o professor Gurvitch estava muito à frente de seu tempo (como, aliás, acontece com os grandes pioneiros). E suas teses sobre o funcionamento das células vivas nas décadas de 1920 e 1930, vêm sendo reativadas por seu patrício, o Dr. Ilya Prigogine, ganhador de Prêmio Nobel pelas pesquisas que realizou em torno dos biofótons. Paralelamente, um outro notável investigador, o biólogo inglês Rupert Sheridrake, empreendeu estudos sérios a respeito dos campos mitogénicos.

Deve-se, no entanto, fazer justiça a um cientista e investigador

psíquico alemão, o Dr. Hans Driesch (1867-1941) que foi o primeiro a demonstrar que os organismos vivos são, na verdade, campos de energia. Mas, para o Dr. Driesch essa energia que existe nos bastidores da criação das formas deveria chamar-se enteléquia (princípio vital imaterial e regulador) já anteriormente referido por Aristóteles e W. Goethe. Contudo, fora Alexander Gurvitch o primeiro a admitir que lidava com um campo magnético, descrevendo-o e demonstrando existir uma radiação correlata nas células. As conclusões de Gurvitch seriam depois confirmadas pelas pesquisas levadas a efeito pelo Dr. Denis Gabor, Prêmio Nobel de Química, em 1928. Mas, as investigações em torno dos biofótons entraram em declínio e praticamente desapareceram, pelo menos no Ocidente, em virtude (entre outros motivos) da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Entretanto, as pesquisas prosseguiram no Leste Europeu, daí decorrendo a descoberta da máquina Kirlian e o trabalho surpreendente do Dr. V. M. Inyushia sobre o corpo bioplasmático, bem como de várias incursões científicas às questões bioenergéticas.

Após o conflito mundial, procedeu-se a uma espécie de renascimento das pesquisas iniciadas por Gurvitch. As correntes dos fótons foram fotografadas, graças a sofisticados instrumentos. Utilizou-se do foto-amplificador para analisar a luz encontrada na célula de organismos vivos. Nesse campo, destacam-se as figuras dos biofísicos italianos Colli e Faceini. Nos idos de 1954, eles chegaram à conclusão de que várias sementes de plantas irradiam luz, que ia desde o verde ao vermelho do espectro.

Deve-se observar, todavia, que a despeito de tantas e avançadas conquistas nessa fascinante pesquisa da Vida, em suas amplas e profundas implicações, não se chegou a um entendimento justo e real do significado da radiação biofotônica. Na verdade, a ciência ainda pretende explicar a Vida tão somente à luz da bioquímica. Ademais, as pesquisas dos cientistas da ex-

cortina de ferro, no que se refere a radiação biofotônica, não foram acolhidas pelos seus pares do Ocidente, que não acreditam que essa radiação, porque fraca, jamais poderia ter qualquer influência biológica.

Na década de 70, desponta o nome do biofísico alemão Fritz Albert Popp, da Universidade de Marburg. E ele concluiu, depois de acuradas pesquisas, que:

“A renovação das células no homem e no animal só poderia ser transmitida se existisse uma comunicação operando à velocidade da luz entre todas as células”.

Isto quer dizer que todas as células são sempre avisadas da morte de uma célula e não apenas a substituta!

Popp, a essa altura, tomou conhecimento das experiências do professor russo Kasnatchev, que demonstrou que as células vivas trocam informações biológicas no campo ultra-violeta, através dos fótons. Em suma: ondas eletromagnéticas. Ao mesmo tempo, soube do trabalho desenvolvido por Alexander Gurvitch. A partir daí, ele sentiu-se vivamente estimulado a prosseguir em suas complexas pesquisas, perguntando-se, porém, quais as conseqüências da existência da luz no organismo vivo e quais as suas causas. Popp não admitia que o processo de comunicação dentro do organismo se devesse a um mecanismo puramente de ordem bioquímica.

O certo é que as pesquisas com os biofótons (que redimensionaram a compreensão dos processos básicos da Vida) demonstraram que as células do corpo físico são dirigidas por um campo de biofótons que atuam mediante uma coerência espantosa, igual a de um raio laser. A coerência, no fundo, se deve ao processo espiritual de que os biofótons participam.

Conceito Dínamo-Genético da Vida (30/01/1999)

“Estamos muito longe da perfeição” - disse Oliver Lodge (Evolução Bilógica e Espiritual do Homem) – “e cada um de nós é, individualmente, um artigo inacabado. O Homem é, inegavelmente um ser imperfeito, e está, todavia, em vias de desenvolvimento; mas não se deve perder de vista que nós partimos da idéia de que a criação é uma operação continua, perpetuamente em curso, em movimento, exigindo tempo para atingir a maturidade e dentro da qual todas as coisas aspiram um fim designado e desejado anteriormente”.

A história da Terra e a história da Humanidade estão igualmente sujeitas a um processo contínuo de movimento e de transformação, a um perpétuo vir-a-ser, apresentando, destarte, aspectos variados e distintos, cambiantes, completando-se uns aos outros, relacionando-se entre si e sucedendo-se no curso dos séculos.

“A substância (vivente)” - disse Léon Denis - “é um Proteu que reveste mil formas inesperadas... Todos os seres estão unidos uns aos outros e se influem reciprocamente. O Universo inteiro está submetido à Lei da Solidariedade” (O grande Enigma).

Aristóteles, adiantando-se a sua época (Antes de Cristo) concebeu também a unidade e continuidade da vida, não apenas no encadeamento das formas, mas também em seus caracteres psicológicos e morais.

Em razão dessa monumental e silenciosa progressão evolutiva reconhece-se a necessidade de uma influência que se exerce de uma maneira constante para conduzir os seres e as coisas das fases rudimentares aos estádios mais aperfeiçoados.

Esta influência provém, indiscutivelmente, de uma Causa única, de um dinamismo psíquico superior que abraça e une todas as coisas e seres viventes, a todos os dínamo-psiquismo particulares em sua causalidade e movimento proteiforme. Causa ativa, eficiente, infinitamente sábia, centralizadora e diretriz deis distintas atividades universas.

“No Universo” - disse o pensador espírita argentino Manuel S. Porteiro (Espiritismo Dialético) - “e como causa essencial de sua existência, há, fora de toda dúvida, um princípio inteligente ativo, criador e transformador perpétuo”.

Assim o tem estabelecido, ainda que de diversas maneiras e sob distintos nomes, todos os filósofos dialéticos, ã exceção, entenda-se, dos materialistas, que só admitem a matéria como substância única, como única realidade e causa determinante da vida e do pensamento.

Heráclito que fora o primeiro filósofo que pensou dialeticamente, que concebeu uma concepção dínamo-genética da Vida e do Universo, afirmou que:

“... tudo passa, que nada é, que tudo chega a ser, que nenhum homem se banha duas vezes nas mesmas águas de um rio”.

Ele admitiu o princípio do movimento, e da transformação constante de tudo que existe.

Diria, a propósito, Gustave Geley, o genial metapsiquista francês:

“A vida é movimento, a evolução é movimento, o progresso é movimento, movimento ascendente, de transformação, de perfeição e eterno rejuvenescimento”.

Leibniz (Gottfried Wilhelm), o grande filósofo de in amista-espíritualista e sutil dialético, sustentava que há uma tendência em tudo quanto existe a trabalhar, modificar-se, uma aspiração a um fim mais ou menos permitido:

“O futuro está cheio do presente... Tudo que não se movimenta e se transforma, morre.

Ou mais exatamente, não existe (Quo non agit nee existit).”

E completou o autor de Novos Ensaio sobre a Compreensão Humana:

“Tudo marcha, tudo move, evoluciona e progride, senão em linha reta, mas em ciclos espirais de avanços e recuos, de auroras e acasos, de primaveras e outonos, de vida e de mortes, que, por sua vez, recobram nova vida, num caudal de espiritualidade, de consciência, infinitamente”.

A evolução em geral e em particular, em cada ordem das coisas, tem suas revoluções, seu aceleração e suas rupturas de forma, como resultado do progresso gradual que, ao chegar ao máximo de desenvolvimento cíclico, rompe a resistência das forças que a pressionam e produz mudanças e transformações, não apenas quantitativas, mas, também qualitativas. Cada vez que há uma mudança na progressividade gradual, se produz um salto, sem que por isto se origine descontinuidade no progresso da vida, nem alterações biopsíquicas essenciais.

Os trabalhos de Hugo de Vries e de Armando Gautier confirmam, na área da Biologia, como os de Cope, na Paleontologia, a teoria das transformações bruscas ou por saltos, que conheceu o gênio dialético de Hegel, de que se utilizaram Max e Engles para a formulação do conceito

materialista da História, e que o Espiritismo, com Gustave Geley, redimensionava-o com o sentido espiritualista da evolução.

Em conclusão: Na Natureza tudo está em contínuo movimento; é um constante devenir, que não há nada absolutamente estático; nada isolado ou desvinculado da causalidade universal e do princípio psicodinâmico que a rege...

[A Arte Poética dos Simbolistas \(06/02/1999\)](#)

Expressivas figuras das diversas tendências poéticas brasileiras e portuguesas têm recorrido à psicografia para revelar ao mundo as profundas e casuísticas identificações existentes entre os planos corpóreos e incorpóreos. São páginas de belíssimo e elevado conteúdo moral e filosófico, em que se registram as características estéticas e estatísticas de seus respectivos autores. Desse modo, desfilam ante os olhos extasiados dos incrédulos e à emoção dos Espíritos - Parnasianos, Realistas, Simbolistas, etc., constituindo-se um novo Parnaso - “O Parnaso de Além-Túmulo”.

E, de entre esses poetas, despontam os Simbolistas, aqueles que prepararam o terreno para o advento de uma Nova Ordem de Idéias que viria provocar verdadeira revolução nas Artes e na Cultura do final do século XIX e princípio do século XX. Entretanto, os Simbolistas não foram compreendidos. Consideravam-nos utópicos, extremamente sentimentais e visionários. Eram fugitivos da realidade ambiental, diziam, e ansiavam encontrar no mundo maravilhoso da fantasia os componentes estéticos da criação artística, o que lhes valeu o epíteto de “nefelibatas”, ou aqueles que andavam nas nuvens. Seriam, contudo, os precursores do Surrealismo, desenvolvido, posteriormente por certa facção dos modernistas a partir de 1924, e que tanta celeuma causaria nos meios culturais e artísticos da época.

Na verdade, o aedo simbolista tentou oferecer uma visão das realidades objetivas e subjetivas (jamais cogitada na Poesia), de maneira muito íntima e especial, sentindo-as e incorporando-as ao estado presente da personalidade, no momento em que se conscientizava dele próprio, da dimensão supra-real e das coisas que o rodeavam. “Eu sou eu e tudo o que me rodeia”, diria mais tarde, Ortega e Gasset, como que efetivamente identificado como e postulados esposados pelos simbolistas. Esse sentido profundo e universalista da realidade seria adotado, até certo ponto, pelos poetas da Escola Parnasiana.

Destarte, a revolução operada pelo Simbolismo no conteúdo da Poesia, sugeriu fosse adotada, *pari passu*, uma sensível renovação formal. As palavras não possuíam, simplesmente, um sentido semântico: têm, sim, e pelo seu intrínseco poder imagético ou conceptual, a faculdade de desencadear todo um complexo estado psicológico, acordando, no íntimo, variantes emocionais, morais e mentais. Ter-se-ia a adoção, por parte dos poetas simbolistas, guardando-as as devidas proporções, do processo psicológico utilizado pelo iluminado Sócrates. E, dessa convicção, nasceu a necessidade de instituir-se em léxico rico de força sugestiva, quer do ponto de vista plástico, quer do sentimental.

A arte poética dos simbolistas se impôs pelo que ofereceu de ampla e significativa renovação temática e formal. A eles deve-se a “redescoberta do irreal”, como forma de libertação do Espiritismo em face do concreto e racional: a redescoberta do subconsciente e do inconsciente (pedra de toque do Surrealismo), onde se recalca a vida moral e sentimental mais autêntica. E a visão que os simbolistas possuíam do mundo e da vida adquiriu uma dimensão muito mais abrangente, após o translado para o plano do Espírito. Eles passaram a vivenciar a realidade antes captada sensorialmente, constatando as suas efetivas e causais relações com o considerado mundo

real. Em ambos esses mundos, a vida acontece sob a regência de leis naturais imutáveis, porém misericordiosas. O homem não seria, então, um ser-no-mundo, o qual criou e por sua vez foi criado, o que antecederia, neste caso, às idéias preconizadas pelo existencialismo, mas sobretudo ele é uma partícula divina, eterna e preexistente à vida biológica, que caminha rumo à conquista definitiva dos valores morais autênticos e imperecíveis. A dor e o sofrimento, escolhos dessa sublime caminhada, redimem, elevam, preparando o Espírito para a consecução do transcendente desiderato.

E assim, à luz dessa superior constatação, infundem os poetas, aos homens, a certeza da vitória após as tribulações da sacrificial jornada, a eles dirigindo-se através de mensagens plenas de espiritualidade e grandeza, a exemplo do soneto “Escalada” de Cruz e Souza (um dos mais destacados vultos do Simbolismo no Brasil), psicografado por Waldo Vieira:

*Louva o suplício da matéria escrava,
No turbilhão de cárceres e algemas.
E canta coração, inda que espremas
O fel da própria dor em pranto e lava.*

*Chora e avança cansado, mas não temas;
Sangrem-te embora os pés ria urtiga brava.
Caminha imune ao lado que deprava,
Purificado em lágrimas supremas.*

*Indiferente às cóleras e às fúrias
Apaga o fogo das paixões espúrias,
Sofre humilde e severo por vencê-las...*

*Peregrino de trágico deserto,
Um dia, subirás, enfim liberto,
Gema solarem túnica de estrelas...*

O estilo de Cruz e Souza está patente neste lindo “Boneto-esperança”. A construção de imagens e os recursos poéticos revelam, ainda, o simbolista de outrora, enriquecido, porém, pela experiência. Os versos não constituem,

então, um conjunto de palavras de forte efeito semântico e imagético; são preciosos fragmentos de oração que, unidos, enternecem e convidam a alma à reflexão. Dir-se-ia que o poeta desencarnado superou o encarnado. De fato. É mais profundamente expressivo; verseja com amor, não especula, afirma; não é “aquele que anda nas nuvens”, mas acima das nuvens, na comunhão cósmica dos espíritos cristianizados.

Pesquisadores Pré-Kardequianos (20/02/1999)

Os psquisadores pré-kardequianos, em certos momentos, ficavam intrigados como poder demonstrado pelos médiuns, que liam, previam, anunciavam fatos e afirmavam verdades de que eram, até então, desconhecedores.

O Dr. Jean Philippe François Deleuze (1753-1835), autor de várias obras sobre magnetismo animal e discípulo de Anton Mesmer, escreveu, em 1819, em sua obra: “Históire du Magnétisme Animal”.

“Todos os sonâmbulos, deixados livres no transe se dizem esclarecidos e assistidos por um ser que lhes é desconhecido.

Investigadores de renome como Esche-Mayer, Ennemoser, Abade

Faria e outros, admitiam que, normalmente, havia a intervenção de agente exterior, espiritual, estranho à organização do sonâmbulo.

O Barão Du Potet, após assumir posturas nitidamente materialistas, terminou aceitando a existência de causas espirituais em certos casos, conforme preceitua em sua obra “Journal du Magnétisme”.

“Não, não; há aqui alguma coisa que ultrapassa a nossa razão. O sobrenatural se evidencia, quando eu queria negar-lhe a existência”.

Em 1829, ocorreu um interessante debate epistolar entre o Dr. J. P.F. Deleuze e o Dr. G. Billot, sobre a doutrina do fluido magnético dirigido, unicamente, pela vontade do operador. A querela daria origem à obra “Correspondente Upon Vital Magnetism”, publicada em 1839, pelo Dr. Billot.

As concepções de François Deleuze sofreriam, ao correr de suas pesquisas com os diversos médiuns de sua época, sensível mudança, levando-o a reconhecer a intervenção de Espíritos nos fenômenos que pesquisava.

Vários fatos sustentavam a teoria, entre os quais o de uma rude camponesa, quase idiota, que, em estado de transe (sonambúlico) respondia com absoluta precisão às perguntas que um médico lhe fazia.

Ao lhe perguntar qual o modo que o “agente magnético” agia sobre ela, em transe, surpreendeu a todos com esta resposta:

“O Espírito age sobre o Espírito, isto é, sobre a alma que sou eu, e eu lhe obedeço ao impulso, e faço executar em meus órgãos os movimentos que vedes. Se resisto, o Espírito atua fortemente sobre meus órgãos”.

E o que também desorientavam esses dedicados pesquisadores pré-kardequianos, eram os inúmeros efeitos físicos propiciados pelos Espíritos através do ectoplasma dos médiuns.

O Dr. Deleuze, a propósito, numa de suas cartas ao Dr. G. Billot, destacava a ocorrência de fenômenos de transporte de objetos para ambientes hermeticamente fechados, causando-lhe viva impressão o trazimento, pelos seres invisíveis, a uma sessão que se realizava em Paris, de um ramo de tomilho da Ilha de Creta, na Grécia.

A essa altura dos acontecimentos, o Dr. Deleuze diria, a respeito de tais fenômenos que, realmente, abalaram as suas convicções mecanicistas:

“Não sei que pensar de tudo isso... Contudo, não ousou negar mais nada”.

Assim, as manifestações dos Espíritos se sucederam entre os “sonâmbulos” e, era 1845, segundo informa o Marquês Eudes de Mirville, em sua obra “Question des Spirits”, o assunto começou a ser debatido até nos periódicos magnetistas, como no “Le Somnambule” e na “Revue Magnétique”.

O Dr. G. Billot, numa carta data de novembro de 1858, afirmava que ele próprio recebia conselhos dos “verdadeiros Espíritos de Luz” por intermédio de indivíduos “mergulhados no sopor clarividente”, conselhos vazados, acrescentava, numa linguagem elevada e moralizadora.

Por esse tempo surge a figura do magnetizador Alphonse Cahagnet (1809-1886), que em 1847 publicava o Iº tomo de sua obra “Arcanes de la vie future dévoilés”, fundado em fins de 1848, por sugestão do Espírito Swedenborg, a “Sociedade dos Magnetizadores Espiritualistas”, mas tarde (1852) denominada de “Sociedade dos Estudantes Swedenborgianos”.

Os testemunhos a favor deste “magnetismo espiritualista”, encontrariam reforço nas ideias do sábio François Arago (Estagel, Roussillon, 1786-Paris 1853), famoso físico e astrônomo francês esposadas em sua obra “Annuaire du Bureau de Longites”.

“A maior parte dos fenômenos, grupados hoje em tomo desse nome (magnetismo animal), não era nem conhecida, nem anunciada em 1784... Os sábios que hoje se entregam a experiências de sonambulismo penetram num

mundo todo novo, de cuja existência os Lavoisier, os Flanklin, os Bailly não suspeitavam sequer”.

Ao tempo em que esses ilustres investigadora especulavam sobre a intervenção de seres espirituais nos fenômenos de magnetismo, Hippolyte Léon Denizard Rivail Observava as mesas girantes.

Iniciava-se, aí, todo um monumental trabalho de análise e de pesquisas, que culminaria na feitura da Codificação da Doutrina dos Espíritos.

Energia e Consciência (27/02/1999)

Para grande número de homens de ciência e de filósofos existe um laço entre a energia e a consciência.

“A consciência” - afirma Kostyleff - “é uma parte da energia tal como se manifesta no mundo vivente, no homem”.

Honri Berr diz que - “ a energia em si é, em menor grau, o que o Eu encontra em si mesmo: a tendência a existir, a existir o mais possível”.

Esta profunda modificação das idéias atingiu, também, a Biologia: conhece-se a repercussão mundial da obra “O Homem e o seu Destino”, do biólogo Pierre Leconte du Noüy, que vê na evolução qualquer coisa mais do que simples jogo das forças físico-químicas e do acaso, isto é, a manifestação de uma idéia, de um Querer Supremo.

Numa obra intitulada “O Dinamismo Ascensional”, outro biólogo – Gustave Mercier - desenvolveu uma concepção, segundo a qual a Vida e o Espirito estão presentes no Universo, que a Evolução faz progredir, elemento por elemento, do reino do determinismo ao reino da liberdade. Eis alguns

pensamentos deste biólogo-filósofo:

“A criação está sempre em marcha, mesmo quantitativamente. O Universo desenvolveu-se em si mesmo pelo seu esforço, englobando os esforços e o trabalho de todas as partes individuais. Aquilo a que chamamos Vida deriva da organização que não tem limite inferior. O átomo é organizado, porque é vivo. Nenhuma cortina de ferro separa o mundo mineral do mundo orgânico.

A consciência marca o acesso a um estágio superior - o da espiritualidade que se define biologicamente como conquista de tempo e do espaço, um domínio próprio conducente ao domínio de grande parte do Universo e à libertação progressiva da servidão material”.

Existe identidade natural entre a energia e a espiritualidade humana e esta permite a progressão e a possessão, em consciência, dos planos que servem de base ao Universo.

E Gustave Mercier conclui:

“O Universo contém em si próprio a sua razão suficiente e a sua justificação. É o mesmo que o homem que, doravante, constitui uma força essencial e que, pelo desenvolvimento da espiritualidade, deve elevar-se à Fonte Suprema que acaba de enriquecer com o seu esforço”.

Enquanto isso, Albert Vandeï, professor de Zoologia na Faculdade de Ciências de Toulouse, na sua obra “O Homem e a Evolução”, exprime nitidamente a idéia filosófica fundamental que tende a libertar-se da ciência contemporânea:

“Se a evolução” - afirma ele - “é, antes de mais nada, desenvolvimento do Espírito, emergência da consciência fora da matéria e do orgânico; se o

pensamento é o modo superior do ser, como a energia é a forma nobre da matéria, o sentido da vocação humana não apresenta dúvidas. O Homem deve libertar-se das influências materiais hereditárias, familiares e raciais que traz em suas origens orgânicas, a fim de se empenhar inteiramente na imensa aventura espiritual em que se põe em jogo o destino do mundo”.

E finaliza:

“Todo o processo real se deve processar no plano do Espírito. É por um constante esforço de penetração e de amplificação interior que o Homem cumpre o seu destino e participa, ao mesmo tempo, da obra universal... A moral de necessidade e do interesse pessoal que se alimenta nas mesmas fontes da atividade animal, é incapaz de satisfazer aquele que penetrou o sentido e o valor do trabalho humano. O Homem deve labutar na obra coletiva, que o ultrapassa e integra no desenvolvimento universal; e é numa entrega total de si mesmo e numa obrigação sem reserva que deve esgotar a força, a confiança e a alegria”.

Por seu turno, Lincoln Barnett, autor da obra ‘Einstein e o Universo’, após evidenciar as concepções revolucionárias da física relativista, mostra como o conhecimento científico é limitado pelo fato de o Espírito humano acabar por se descobrir a si mesmo no Universo que explora.

“Na evolução do pensamento científico” - declara Barnett - “um fato se tornou infinitamente claro: não há mistério do mundo físico que não conduza ao mistério de nós mesmos. Todas as grandes vias da inteligência, todos os resumos da teoria e das conjunturas conduzem finalmente a um abismo que a natureza não pode franquear. Porque o Homem está preso ao seu ser pela sua finalidade e ligação à natureza. Quanto mais alarga os horizontes, mais reconhece que no dizer do físico Niels Böhler – “somos ao mesmo tempo espectadores e autores no drama monumental da existência!”

Entre os progressos da Física e da Biologia, as investigações parapsicológicas dão importante contributo a esta orientação espiritualista do pensamento contemporâneo, que se vai tirando do conhecimento científico em elevado ideal moral e social. - Depois de William James afirmar que – “vivemos à superfície de uma inteligência imensa”, - o Dr. Joseph B. Rhine, pai da Parapsicologia, acredita, firme e racionalmente, que os fenômenos da clarividência e de premonição demonstram que o nosso ser psíquico escapa às limitações do tempo e do espaço, o que já é uma garantia de imortalidade!

O Perigo de Ser Enterrado Vivo (06/03/1999)

No livro “Vida e Morte e Reencarnação, da Editora ECO, tradução de Dr. Francisco Klors Werneck, de saudosíssima memória, há uma série de excelentes trabalhos de autoria dos eminentes estudiosos: Paul Bodier (autor de “A granja do Silêncio”), Charles Lancelin (autor de “Méthode de Déboublement Personnel”), Gustave Geley (autor de “L’être Subconscient”), e Francisco Zingaropoli (autor de “L’anima degli Animali”). Dos trabalhos apresentados, no livro supracitado, destacamos o da responsabilidade de Francisco Zingaropoli, sob o título “A Morte Aparente”.

O autor, de início, relata casos de morte aparente acontecido em remotas épocas, como por exemplo, a morte de Zenon, Imperador bizantino, encerrado em sepulcro por sua mulher Arladne, nos anos 491, durante o gravíssimo ataque epilético. Três dias depois, foi achado morto de verdade, mas com o braço horrivelmente dilacerado pelos dentes.

O célebre poeta Scotto era cataléptico (estado em que ficam temporariamente suspensos movimentos voluntários e a sensibilidade). Foi enterrado vivo durante uma crise, na ausência de seu servo que sabia de sua doença. Tirado da sepultura, seus familiares verificaram que ele morrera sufocado, tendo mordido, desesperadamente, os lábios.

De morte igual faleceram filósofos, médicos, poetas, reis e imperadores, sem falar dos supostos mortos enterrados apressadamente nos tempos das epidemias e guerras e de tantas mulheres torturadas por longas e cansativas gestações e caídas em desmaio.

Na “Apneologia overo morte aparente deli’uommo”, Ângelo Corni narra o caso da mulher do Cônsul de Colônia (Alemanha), enterrada viva no ano de 1557:

“Aproveitou-se noite o coveiro para furtar-lhe algumas jóias e ela despertou e segurou pelo braço, o ladrão que, com o susto desmaiou. Ela se levantou e foi para sua casa, agradecida, de qualquer sorte, ao coveiro larápio”.

O Abade Prevot, autor de polêmico livro “Manon Lescaut”, readquiriu as energias vitais e o conhecimento sobre o bisturi de cirurgião, durante a necropsia.

O Dr. F. Galvano, em seu livro “La Morte Apparent o Pericolo di Easere sepolto vivo e Mezzi di Evitarlo”, relata alguns fatos e de que foi espectador. Impressionante é o caso de Anna T, da comuna de Serra-Vale, Itália, julgada morta por metrorragiapuerperal. Surgindo da mente do Dr. Galvagno a suspeita de morte aparente, ela foi desenterrada e:

“...espetáculo horrendo, o lençol que envolvia o corpo da pobre senhora estava rasgado e descosido em muitos lugares, ao passo que ela jazia sobre o lado direito, e a mão esquerda, suja de sangue, segurava fortemente, a mandíbula inferior”.

Inúteis foram os meios para trazê-la à vida, ela expirou antes da chegada do Dr. Galvagno

Literatos e artistas, como Boccacio, Edgar Allan Poe, Honoré de Balzac, Émile Zolá e outros, escolheram, muitas vezes, para assuntos de suas criações, histórias de vivos enterrados como mortos. Antes, porém, registra-se uma farta bibliografia sobre a momentosíssima temática. Eis as mais antigas: “Demiracullis Mortuorum”, de Henricus Kormanus, Frankfurt (Alemanha), 1610; “De Causis Mortis Repentinae”, de M. Tirellus, Veneza (Itália), 1646; “De Mortuorum Resurroctione”, de Paulus Zachias, Amsterdã (Holanda), 1651; “Dissertatio de bicertitudine Signorum et Mortis”, de Johannes Menghin, Viena (Áustria), 1768.

Modernamente, destacam-se os nomes mais ilustres entre uma constelação de pesquisadores, em que se inclui a figura ilustre de Charles Richet (Prêmio Nobel de Medicina), um dos eruditos fundadores do Instituto de Metspsíquica de Paris (1909).

O Dr. Simon Carleton disse que, em 30 mil exumações, se encontra, em média, um caso de pessoa enterrada viva. Segundo seus cálculos, do começo da era cristã ao ano de 1931 haveria, só na Europa, 4 (quatro) milhões de pessoas enterradas vivas.

Os Conflitos Interiores de Freud e as Idéias Espíritas de Jung (1) (13/03/1999)

Ao correr de sua vida, Sigmund Freud vacilou entre a aprovação e a peremptória negação do fenômenos supranormais. De pais judeus, tivera uma educação em que não faltou o conhecimento da bíblia, propiciado por uma preceptora católica. Diria, entretanto, anos depois, que se considerava um “agnóstico impertinente”. Contudo, e como afirma Martin Ebon, no livro “They Knew the Unknown”, traduzido para o português sob o título: “Eles Conhecem o Desconhecido” - Ed. Pensamento S/A – São Paulo:

“Os conceitos de imortalidade e as insinuações de uma vida após a morte eram um perpétuo desafio para ele; seus próprios pensamentos sobre a morte estavam entre mesclados com idéias de predestinação”.

Entre 1881 e 1885, após concluir o curso de Medicina e estagiarem hospitais psiquiátricos, consegue integrar a equipe de Jean Charcot, no célebre Salpêtrière, em Paris, onde entrou em contato com as técnicas então desenvolvidas no campo neurológico. Aliás, Charcot também investiu, digamos assim, na área dos fenômenos espirituais, destacando-se as pesquisas realizadas com a “hística” (médium) Alcina, a quem conseguiu hipnotizar. Por essa médium comunicou-se o Espírito do médico grego Galeno, que ditou ao mestre de Freud uma profunda definição de corpo humano, que jamais poderia ser concebida por uma dementada. Ei-la:

“O corpo humano ainda não chegou à sua perfeita conformação. Os sistemas de circulação e da enervação estão suficientemente unidos e relacionados no plano da economia, mas o sistema linfático sofrerá uma evolução de grande proveito, principalmente para a longevidade humana. Em alguns animais inferiores, de vida muito longa, poderiam fazer experiências probatórias desta assertiva”.

Após a manifestação, Charcot voltou-se para os presentes e disse:

“Senhores, não queirais adiantar-vos à nossa época. Não procureis nenhum raciocínio que nos possa dar a explicação clara e verdadeira das nossas experiências. Contentai-vos com a observação experimental que acabais de presenciar”.

Conforme elucida Herculano Pires (Vide “Parapsicologia hoje e amanhã” – Edicel), essa história é contada por Frederico Vives, que frequentou as sessões de Charcot. E comenta, desafiadoramente:

“Quem era essa pobre mulher idiotizada que Charcot mandava de um lado para outro, segundo conta Vives, e que, no entanto, escreve em grego antigo e moderno ou em outros idiomas clássicos. Voltava ela do passado.

Alguém descobriria, por certo, uma fraude de Charcot, concluiu com a paciente. Porque há pessoas que só sabem ver fraudes e tolices por toda parte, reservando para si mesmas o duplo direito à honestidade e à esperteza”.

“Enquanto estava em Paris” - infama Ebon -” ele teve a experiência clariaudiente de ouvir a voz de sua noiva, Martha Bernays, ‘chamando-o’ de Viena, não uma, porém, várias vezes”. Freud casou-se com Martha em 1886.

Afirma-se que Freud teria sofrido poderosa influência de conhecido numerologista, o Dr. Wilhelm Fliess, “o que fez vir à tona” - conforme Mr. Ebon – “uma fascinação pelos números que permaneceu evidente durante a maior parte de sua vida”.

As suas preocupações com o “misterioso” iam se afirmando gradativamente ao passar dos anos, registrando-as nos trabalhos a que dava a público, em que se sobressaia “The Psychopathology of Everyday Life” (1904), onde é registrado e comentada a psicodinâmica dos sonhos proféticos e das manifestações telepáticas. Quanto à Telepatia, Freud já tivera firmado a sua opinião, baseada nos resultados das pesquisas realizadas sob o patrocínio da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, com o sensitivo Gilbert Murrey, nos termos seguintes:

“Estou disposto a desistir da minha oposição à existência da transferência de pensamento”, - acrescentando que – “estava preparado para dar apoio da Psicanálise à questão da Telepatia”.

Estas colocações de Freud se encontram inseridas em uma carta

dirigida ao Dr. Ernest Jones, de Londres (Inglaterra), que convenceu o grande psicanalista a não dar notoriedade ao fenômeno sob pena de comprometer o prestígio da Psicanálise...

“O conflito interior de Freud, referente ao oculto” - esclarece Mr. Ebon – “era tão forte nessa época de sua vida que mais tarde ele bloqueou parte de sua memória sobre isso.”

Diria, contudo, mais tarde (1921), em carta, ao receber o convite do grande pesquisador Hereward Carrington, para integrar o Conselho Consultivo do Instituto Psíquico Americano:

Eu não sou um desses que, logo de saída, condena o estudo dos chamados fenômenos psicológicos ocultos, por considerá-los não científicos, sem valor ou até mesmo começo de uma carreira científica, em vez de estar, como agora, no fim dela, talvez não escolheria outro campo de trabalho, a despeito de suas dificuldades”.

Afirma-se que Freud negou, tempos depois, ter escrito esta carta. Mas, o pesquisador Nandor Fodor que possuía cópia deste documento, provou a sua autenticidade. Conquanto escrevesse, na supracitada carta, que se estivesse no começo de uma carreira científica se dedicaria ao estudo dos fenômenos psicológicos. Freud, na verdade, sempre se voltou para o ocultismo, tendo até, elaborado um ensaio sobre “Psicanálise e Telepatia”, que seria apresentado no Congresso Internacional Psicanalítico de 1922. Ernest Jones, porém, demoveu-se do intento e ele então submeteu ao referido Congresso um outro ensaio sob o título “Sonhos e Telepatia”.

Em 1941, após o decesso de Freud, o ensaio “Psicanálise e Telepatia” foi publicado.

Com a palavra Martin Ebon:

“Freud podia ter uma visão fria, apaixonada, sobre as experiências psíquicas dos centros - mas foi abalada por aqueles que lhe chegaram perto, embora procurasse abafá-las depressa, com explicações psicanalítica”.

Com relação às pesquisas que realizou com Sandor Ferenczy e sua filha Anna, afirmou:

“Elas foram excepcionalmente boas, em especial aquelas em que eu fiz o papel de médium e depois analisei minhas associações”.

E quando Ernest Jones, mais uma vez, censurou o pai da Psicanálise, dizendo que ele com tais pesquisas terminaria por “acreditar em anjos”, ouviu a seguinte resposta:

“Perfeitamente; talvez até mesmo no próprio bom Deus”.

Tudo isto deixava Sigmund Freud confuso. Ele mesmo afirmara, numa carta a Ernest Jones que o assunto o deixava “perplexo e confuso”.

Continua...

[Palingenesia - Ética e Dialética \(27/03/1999\)](#)

O professor Humberto Mariotti afirma, na sua obra “Parapsicologia e Materialismo Histórico”, que:

“Só o Homem continuar pensando em sua própria finitude, não há dúvida de que a civilização terminará na mais terrível das catástrofes espirituais. Porque, se o homem-que-morre é quem deve reger o desenvolvimento humano, tudo será relativo e tenderá a malograr com a idéia do nada... O homem finito, com seus afetos e aspirações, resultará em tragédia

e fatalidade”.

Contra esse absurdo, só o ensino e a idéia da doutrina palingenésica podem, realmente, descortinar ao homem seu futuro além dos limites da morte, substituindo a visão do nada pela imortalidade e do progresso infinito.

Com base nesta transcendental e ética perspectiva, cunhou-se o admirável aforismo insculpido no frontispício do dólmen de Allan Kardec, no histórico Cemitério Père-Lachaise, em Paris:

“Naitre, Mourir, Renaitre encore et progressor sans cesse, telle est la loi”.

Destarte, sentencia, por sua vez, o Dr. Gustave Geley:

“As tumbas deixam de ser tumbas: são asilos passageiros para o fim da jornada das ilusões. E, assim como se desvanece, pela idéia palingenésica, o caráter fúnebre da morte, também se implode o monumento de injustiça edificado pelo evolucionismo clássico. Já não há, na evolução, sacrificados e privilegiados. Todos os esforços individuais e coletivos, todos os sofrimentos e amarguras desembocarão na realização da justiça e do bem; mas o bem e a justiça para todos, porque todos teremos contribuído para a justiça e o bem”.

Deve-se observar que as concepções geleyanas se identificam com a dialética de Hegel, filósofo idealista do século XIX. Para o célebre autor do “Fenomenologia do Espírito”, os fenômenos materiais outra coisa não são que objetivações da idéia, e o mundo subjetivo se desenvolve por uma lei de contradição que se opera através de uma Lese, de uma análise e de uma síntese (ou de uma conciliação). Em princípio, a filosofia hegeliana corresponde ao mesmo processo da filosofia palingenésica do Dr. Gustavo Geley. Com efeito: o Absoluto de Hegel Dinamopsiquismo do metapsiquista

francês, definem na mesma entidade, e as três fases da dialética de Hegel correspondem, respectivamente, à trilogia do nascer, morrer e renascer.

Deve-se concluir que a evolução, como é brilhantemente concebida, não tem o poder de mudar a essencialidade do Ser, supõe, ao contrário, uma causalidade essencial, sem a qual não se admite nenhum progresso. Diria a propósito o pensador brasileiro Jacob H. Noto:

“O movimento e o tempo não podem criar, por si sós, o que não existe – só envolve o que tem existência potencialmente ou em desenvolvimento”.

Evidentemente, não se passa do não-ser ao ser, nem da quantidade a qualidade, senão em virtude de um a existência e de uma qualidade análogas anteriores; de uma causalidade substancial que as compreenda e as modifique. Não se pode conceber nenhuma transformação, nenhuma mudança morfológica fundamental, sem uma causa essencial persistente, sem continuidade biopsíquica, sem um elemento organizador e diretor da matéria que leve em si mesmo, potencialmente as possibilidades de suas metamorfoses.

Entretanto, a continuidade de biopsíquica não implica a continuidade morfológica: as formas passam e desaparecem, mas a vida psíquica permanece. É ela que envolve, emprestando, pela reencarnação, progresso e perfeição às formas que cria. As espécies, tanto quanto os indivíduos, podem, aparentemente, desaparecer e deixar, nos fósseis, os vestígios de sua existência; mas a vida psíquica que as animava se projeta a outras dimensões para, mais adiante, animar espécies e indivíduos, sem perder a sua essencialidade psicodinâmica.

Em suma: tudo é trânsito para alcançar formas e qualidades novas; tudo está em perfeito vir-a-ser, sem ser jamais algo definitivamente

concluído. Observe-se, porém: o que muda e se transforma continuamente, através do processo palingenésico, são as formas e qualidades, e, não, a essência!

Não há, em verdade, descontínuo na evolução biopsíquica. Só a aparência das formas materiais transitórias pode fazer supor tal descontinuidade. Apenas os niilistas, para quem essas formas materiais em si mesmas e suas transformações constituem a única realidade, podem negar a continuidade da vida psíquica, isto é, a sobrevivência do ser após a falência do corpo e a sua reencarnação.

Heráclito de Éfeso, que se afirma ter sido o primeiro filósofo a pensar dialeticamente, dizia:

“Tudo passa, nada é, tudo chega a ser; nenhum homem se banha mais de uma vez nas mesmas águas de um rio...”

Einstein e Tagore (03/04/1999)

A primeira parte da obra; “Einstein – Reflexões Filosóficas”, de Irineu Monteiro, é dedicada ao diálogo havido, na tarde de 14 de julho de 1930, entre Rabin-dranath Tagore (1861-1941) e Albert Einstein (1879-1955), na residência do matemático e filósofo, em Caputh, Alemanha. O encontro foi posteriormente publicado por Tagore, sob o título - “A Natureza da Realidade”. Não há detalhes de como o poeta indiano chegou à casa de Einstein, nem o porquê do diálogo. O autor da teoria da Relatividade Geral inicia o debate com esta pergunta:

- Crê o senhor no Divino como isolado do mundo?

Tagore - Isolado, não. A infinita personalidade do Homem compreende o Universo. Nada pode haver que não se possa reabsorver na

humana personalidade, e isto prova que a verdade do Universo é uma verdade humana.

Einstein - Há dois conceitos diferentes da natureza do Universo: 1) o mundo como unidade dependente da Humanidade: 2) o mundo como realidade independente do fator humano.

Tagore, destarte, exclui a presença do Criador na sua concepção do Universo. O Homem existe paralelamente à realidade do Universo, ou juntamente com a realidade do Universo. O seu Universo é humano e permeado do humano, e o seu Homem é parte integrante desse todo, expressão desse todo; e, portanto, não é uma criatura. É um ser eterno. O ser “compreende o Universo” - equiivale a ser o homem o próprio Universo!

Parece que Einstein não aceita a tese do autor de “Gitanjali”, e procura separar os fatos, passando a ver “o mundo como unidade dependente da Humanidade’, em seu aspecto social. Se o Homem fosse isolado do mundo, este perderia a sua razão-de-ser. O outro fator: o mundo como realidade do fator humano, isto é, o mundo em seu aspecto físico, que existe anteriormente ao ser humano. Dir-se-ia que Tagore não percebeu (ou percebeu e ignorou) a dicotomia einsteiniana. Mas, o diálogo continuou nestes termos:

Tagore - Quando o nosso Universo se acha em harmonia com o Homem Eterno, conhecemo-lo como verdade, sentimo-lo como beleza.

Einstein - Isto é um conceito puramente humano do Universo.

Permitimo-nos perguntar, diante dessa colocação de Tagore: - Quem é esse Homem Eterno? Um Homem que sempre existiu paralelamente ao Ser Eterno?

A concepção de Deus de Tagore é traduzida em “Alma Superior que

penetra todas as coisas que se movem” (cf. A Religião do Homem). E ele acrescenta a essa vaga concepção o seguinte: “Devemos compreender não só a mente racionadora, como também a imaginação criadora, o amor e a sabedoria que pertencem à Pessoa Suprema, cujo Espírito está, em princípio, sobre todos nós... (ob cit).

A verdade é que o gênio matemático de Einstein não entende esse ilogismo poético de Tagore. Cria-se, então, um maravilhoso debate, um sereno e maravilhoso debate entre dois Espíritos que, no fundo, buscam, ambos, o monumental e instigante enigma da Vida.

O diálogo prossegue:

Einstein - De modo que a verdade ou a beleza não são, segundo concebes, independentes do Homem?

Tagore - Não!

Einstein - Se se extinguisse a espécie humana, deixaria de ser belo o Apoio de Belvedere?

Tagore - Assim o creio!

Einstein - Estou de acordo com sua concepção de beleza, mas não com a que sustenta acerca da verdade.

Enquanto Einstein concorda com Tagore, porque, realmente, a estética existe a partir da concepção humana, admite, ao contrário de Tagore, a verdade com independência da Humanidade. Aliás, o construtor da hipótese dos fótons inspira-se, no particular, no arguto pensamento kantiano, cujo empirismo procede do método que leva a observar o fato de que a certeza dos conhecimentos resulta da inviabilidade das operações mentais postas em

movimento no ato de conhecer.

Adiante Einstein ratifica sua concepção sobre a verdade, acrescentando:

- Creio, por exemplo, que o teorema de Pitágoras, em Geometria, afirma alguma coisa aproximadamente certa, com independência da existência dos homens. Seja como for, há uma realidade independente do Homem; há também uma verdade relativa a essa realidade; e de igual modo a negação da segunda.

O diálogo entre os dois ganhadores do Prêmio Nobel (Tagore, da Paz e Einstein, de Física), revela duas mentalidades até certo ponto antagônicas - um é puro raciocínio, identificado com a Lógica, as matemáticas; o outro é Poeta, possuidor de raro talento e profunda sensibilidade; movimenta-se, com serena desenvoltura, no âmbito do universo fascinante do idealismo estético; é quase um nefelibata...

Neste embate de gênios quem saiu ganhando? Nós, os que estamos na platéia assistindo ao suave e inteligente intercâmbio de valores e conceitos discrepantes, é verdade, mas geniais, onde as figuras centrais é o Ser e a Existência, com os seus ainda indecifráveis enigmas. Ambos, um dia, em ignoto futuro, conhecerão a Verdade e a Verdade os libertará. Serão livres, livres e eternos, como eterno é o Pai!

[Sonhos - As Causas do Esquecimento e as Técnicas \(10/04/1999\)](#)

Há experimentos que revelam como o sonho escapa dos registros mnemônicos, pulverizando-se completamente. Quando alguém é desperto durante um período de REM (rapid eye movement), é comum o relato de um sonho vivido. Caso o despertem depois do final do período, o sonho já se

encontra praticamente perdido.

Afirma-se que a maioria de nossas recordações diárias provavelmente provém de interrupções espontâneas do sonho, depois do último e longo período REM. Como em geral não se desperta, por muito tempo, durante a noite (ou durante o dia) um processo natural de esquecimento passa a ter lugar.

Experiências de laboratório têm indicado o principal responsável pelo esquecimento dos sonhos: o estado relativamente passivo e inativo do sono NREM (non-rapid eye movement). Pessoas cujo sono foi interrompido em intervalos regulares de uma hora, sendo demonstrada a elas uma palavra numa tela sobre a cama, geralmente são incapazes de lembrá-la pela manhã. Isso não acontece se elas se mantêm despertas por mais ou menos dez minutos após ver a palavra, porquanto lhe é permitido retomar ao sono imediatamente depois da identificação, tendem a esquecê-la.

O ato de manter a pessoa desperta por dez minutos, ou mais, parece ter o efeito de fortalecer a impressão na memória, de modo que o fato pode vir a ser lembrado depois.

Assim, os únicos sonhos de que recordamos ao despertar são, provavelmente, aqueles seguidos de um período de vigília, seja no meio da noite ou amanhecer. Incidentalmente, essa é uma das razões pelas quais muita gente julga sonhar com maior frequência quando estão inquietos. O que ocorre, na verdade é o despertar constante resulta numa maior recordação de sonhos, mas não uma quantidade maior

As técnicas de lembrança dos sonhos

A dr^a Ann Faraday, (“O Poder dos Sonhos”), pesquisadora dos

mecanismos oníricos, ofereceu uma série de sugestões tendentes a facilitar a recordação dos sonhos:

- a) Tenha sempre caneta e papel ou, melhor ainda, um gravador ao lado da cama;
- b) Conserve uma lâmpada ou uma lanterna próxima à cama, para que você não tenha que se levantar;
- c) Auto-sugestione-se várias vezes antes de adormecer, pensando: “Quero despertar logo após um sonho” ou “Esta noite vou agarrar um sonho”...
- d) Se você durante a noite despertar e tiver um sonho na cabeça, sente-se na cama, com tranqüilidade e acenda a lâmpada. É muito importante não se mover bruscamente, pois isto tende a apagar a lembrança do sonho;
- e) Conserve o relato de seus sonhos, juntamente com as respectivas interpretações, num arquivo ou caderno, datado, pois séries de sonhos podem servir para lançar luz sobre aqueles de caráter duvidoso.

Sonhos Úteis

É digno de registro, também, o processo criado pela dr. Gayle Deelaney (parecido com o de Edgar Cayce), diretora de uma clínica psicológica na Califórnia, para produções de sonhos úteis. Afirma a Dr. Gayle que, “anos de pesquisa sobre o processo de provocar sonhos úteis provaram para mim que a maioria das pessoas pode aprender a “pedir um sonho” e, através dele, receber orientação para problemas específicos da vida”. Ela desenvolveu uma técnica a que deu o título de “Incubação do Sonho Através do Enfoque de uma Frase”. Para utilizá-la a pessoa precisa de apenas uns cinco ou vinte minutos, antes de dormir, para escrever, num diário, o que a

preocupa e concentrar-se na questão a que o sonho deve responder.

A Chave da Angústia (17/04/1999)

Uma revista de circulação nacional publicou, na década de 1980, uma reportagem sobre a descoberta da “chave da angústia”, por um grupo de cientistas do Centro Nacional de Pesquisas de Gir-Sur-Yvete, França. A responsável pela sensação de angústia - segundo os pesquisadores franceses - é a molécula Beta CCM, substância que, incitada, colocaria o ser humano em estado depressivo e, portanto, funcionando ao contrário das pílulas destinadas a livrar-nos do “stress” (sic). Os experimentos que levaram os cientistas do CNP (entre os quais se incluía uma brasileira), a essa conclusão foram realizados com o concurso de um rato, certamente aquele e que no e branco roedor de laboratório. Passamos, então, a palavra à entrevistada pela revista. Dra. L.P., integrante da equipe de pesquisadores:

“Primeiro ensinamos um rato a apoiar-se sobre um pedestal a fim de obter uma bolinha de comida e, em seguida, introduzimos comida e, em seguida, introduzimos essa ação um elemento de conflito. Nos períodos de conflito, o rato recebia uma punição leve, ao mesmo tempo que a comida, de modo que ao final de certo tempo se apoiava menos no pedal, por medo da punição. Injetamos ‘deazepan’ (protótipo da família dos tranquilizantes) em suas veias e, como consequência, sua performance aumentou, na razão inversa da angústia. Injetamos, então, Beta CCM e o rato, no período de conflito, quase morria de fome, tamanhos eram seu medo e indecisão. Estava provado o efeito gerador da angústia”.

Parece-nos, data vênica, que a gama de conflitos que tanto atormenta o homem desde os primórdios de sua convivência grupai, não teria uma causa tão simplista. Ademais, e segundo o prêmio Nobel de Fisiologia, J. Mood, uma das barreiras ao conhecimento do próprio homem, em seu processo de

evolução, é o desconhecimento dos mecanismos do sistema nervoso central. Atribuir-se, pois, à angústia tais e especiosas origens, seria negar, sem exame, ao indivíduo a sua natureza espiritual; seria, enfim, tentar conciliá-la àquela abstrata e indefinível concepção heideggeriana de angústia, “que revela ao homem o nada absoluto sobre o qual se configura a existência”. E mais: as reações no rato, provocadas à Pavloc, seriam as mesmas nos seres humanos, sob idêntica experiência? E os atributos morais e individuais? E os sentimentos? E os condicionamentos culturais? Um dia desse teremos a “descoberta” da sede do bem e do mal, enraizada em qualquer ponto da estrutura cerebral. Aí será injetada tuna substância que há de estimular as células do bem, enquanto uma outra droga anulará as atividades perversas das células do mal, desencarnando-as, na fonte, e o bem reinará, absoluto, no cérebro humano, e a Terra será aquele Paraíso... A verdade é que o maior problema é a eternidade. No nascimento em que ele assumir esta realidade, muito lhe será revelado, e os formidáveis enigmas que até então provocam as suas angústias serão, a seu tempo, solucionados. Por enquanto, ele se encontra perdido no labirinto de suas próprias concepções materialistas. Afirma, a propósito, o Prof. J. Herculano Pires:

“Pergunta-se sempre por que a realidade espiritual não conseguiu impor-se até agora, de maneira definitiva, no campo das ciências. Por uma razão evidente, que historicamente se pode demonstrar. É que o duelo do saber se trava primeiramente no plano da existência material. O homem é desafiado pela realidade concreta, dentro da qual se encontra como homem e não como Espírito. Tem de responder a desafios urgentes, provenientes das suas necessidades de sobrevivência, segurança e comodidade no plano físico. Sua primeira luta é com a matéria. Como essa luta não chegou ao fim, é natural que o conhecimento da realidade espiritual e de seus mecanismos tenha ficado em segundo e às vezes em plano nenhum. Assim como a maioria

esmagadora dos homens comuns trata das coisas materiais, a maioria dos cientistas trata das pesquisas materiais”.

Como se Processa a Materialização de Espíritos (24/04/1999)

Guillaume de Fonteuay, que foi vice-presidente da seção de Paris de Sociedade Universal de Estudos Psíquicos, formulou uma interessante teoria sobre fenômenos de materialização. Segundo essa teoria, os fenômenos apresentam vários estados, dos quais se destacam três fundamentais. Desses três, os dois primeiros podem ser considerados como estágios, como fases preparatórias da materialização completa. Parece que a lux exerce influência apenas no primeiro estágio. A teoria de Fontenay foi confirmada por experiências de Julian Ochorowicz, em Varsóvia (Polônia), com a médium Stanoislawa Tomezyk, também pesquisada pelo prof. Scherenk-Notzing.

Em carta dirigida a Demaison, e publicada no livro do Dr. Enrico Imoda, “Fotografia di Fantasmí”, 1912, Fontanay expõe a sua teoria nos seguintes termos:

“Considero que as materializações de formas apresentam vários estudos. O primeiro e, segundo creio, o mais fácil de obter-se, é o estágio em que são tangíveis, consistentes, capazes de se moverem e de movimentar objetos, mas permanecem invisíveis, mesmo em plena luz. Num segundo estado, as formas materializadas são, ao contrário, visíveis, mas inconsistentes. Pode-se atravessá-los com a mão, sem experimentar nenhuma sensação tátil, a não ser, por vezes a que alguns observadores chamam ‘sensação da teia de aranha’. Afinal, num terceiro estado, que parece ser o mais difícil de obter-se, a materialização se completa, o que quer dizer que as formas criadas revestem todos os atributos normais da matéria: consistência, poder mecânico, visibilidade”.

Gabriel Delanne, por sua vez em “A Alma é Imortal”, indaga:

“For que processo pode um Espirito fazer-se visível e mesmo tangível?”

Esta pergunta do autor de “A Evolução Anímica”, envolve uma série de considerações, dada à complexidade do assunto. Sabe-se que a substância de que se revestem as aparições é fornecida pelo médium e pelos assistentes. Mas, como se processam esse transporte, essa desagregação e essa reconstituição de matéria orgânica, sem que ela se haja decomposto?

A estas indagações responde o ex-editor da “La Revue Scientifique et Morale du Spiristime”:

“Tais manifestações transcendentais põem em ação leis que desconhecemos e os sábios fariam muito melhor, ajudando-nos a descobri-las, do que negando sistematicamente fatos mil vezes observados com inexcedível rigor”.

Embora o ilustre sábio admite, como absoluta honestidade, que tais manifestações transcendentais põem em ação leis que conhecemos, expõe os frutos de suas criteriosas observações sobre o assunto, nos seguintes termos:

“Fato bem observado é a ligação constante em que se mantém o médium e o Espirito materializado. Este último haure daquele a energia de que se utiliza, de sorte que, sobretudo nas suas primeiras manifestações, mal pode sair do gabinete onde o médium se encontra em letargia.

Mais tarde, aumenta-se-lhe o poder de ação, conservando-se sempre, porém, limitado. Num esboço feito pelo Dr. Hichaman, nota-se que, entre a cavidade do peito da forma materializada e a do médium, há um como feixe luminoso religando os dois corpos e projetando um clarão sobre o rosto do

médium. Esse fenômeno foi observado muitas vezes durante as materializações, compararam-se ao cordão umbilical. O Dr. Dasier o equipara a uma rede vascular fluídica, pela qual passa a matéria física, em particular estado de materialização”.

A propósito das moldagens de materializações, Alexandre Aksakof pondera o seguinte:

“Do ponto de vista das provas orgânicas, eu não poderia guardar silêncio sobre uma observação que fiz: examinando atentamente o gesso da moldagem da mão de Bertie e comparando-o ao gesso da do médium, notei com surpresa que a mão de Bertie, embora roliça como de uma moça, apresentava, pelo aspecto do dorso, sinais indicativos de idade. Ora, o médium era uma mulher idosa, que morreu pouco tempo depois da experiência. Eis aí um detalhe que nenhuma fotografia pode registrar e que prova de modo evidente que a materialização se efetua a expensas do médium e que o fenômeno é devido a uma combinação de formas orgânicas existentes, como elementos formais introduzidos por uma força organizadora estranha, força que é a que produz a materialização.

Se é verdadeira (como de fato o é), que uma parte da matéria do corpo materializado, é tomada do médium, deve este experimentar uma diminuição de peso.

Informa, sobre a questão a Sra. Florence Marrayt, em seu livro “There is no Death” (Não há Morte):

“Vi a Sta. Florence Cook colocada sobre a máquina de uma balança dê pesar, construída para esse fim pelo Dr. William Crookes, e verifiquei que a médium pesava 112 libras. Logo, porém, que o Espírito se materializou completamente, o peso do corpo do médium ficava reduzido à metade, a 56

libras”.

Há casos, entretanto, em que uma parte é também tomada aos que assistem a experiência. “Em um caso de Desmaterialização Parda do Corpo de um Médiun”, Alexandre Aksakof informa que a médiun E. D’Esperance caía doente depois da sessão, se algum assistente houvesse fumado ou ingerido bebida alcoólica.

Neste livro pergunta-se:

“O que resta do médiun, quando tão grande quanto o seu é o peso das aparições?”

Responde-se:

“Resta apenas o perispírito que é, por sua natureza, invisível, de sorte que, se alguém penetrar no gabinete, o encontrará vazio”.

É o que «firma o Coronel Olcott, em “People from the Other World” (Gente de Outro Mundo).

Com a Sra. D’Esperance, a desmaterialização observada numa sessão em Helsingfors, no ano de 1893, não foi tão completa; mas, como resultado das investigações rigorosas a que procedeu Aksakof, ficou provado que a metade inferior do corpo da médiun desaparecerá. O engenheiro Seilling, presente à sessão relata estupefato:

“É extraordinário: vejo a Sra. D’Esperance e ouço-a falar; apalpando, porém, a cadeira que ela ocupa encontro” vazia; da aí não está; estão, apenas, as suas roupas”.

E ainda no livro antecipado, Gabriel Delanne, praticamente especula sobre o intrigante fenômeno:

“Em suma, o que é que desaparece? Não é a matéria, é a forma que individualizava essa matéria. E essa forma é destruída? Não, responde o Espiritismo, e o prova, demonstrando que ela sobrevive à destruição do envoltório carnal”.

O Transe Mediúnico (01/05/1999)

O Transe na visão de Léon Denis (“No Invisível”):

“Durante o transe, se o Espírito do médium pouco se afasta; permanece quase sempre confundido no grupo espiritual que cerca o seu invólucro terreno. Sua influência às vezes se faz ainda sentir sobre o seu corpo, a que seus próprios hábitos o atraem. Sua ação se torna em tal caso, um incômodo, um estorvo para os Espíritos que se comunicam”.

Quando o transe, pois, é pouco profundo, o desprendimento perispiritual é incompleto. Estabelece-se, frequentemente, uma resistência, de parte do médium, à atuação do Espírito. Far-se-ia necessário, destarte, identificar, respectivamente, a participação de um e de outro no ato mediúnico, o que é difícilimo.

Esclarece, ainda,

Léon Denis que nos fenômenos de escrita e da mesa, o médium se conserva na plena posse de sua vontade, e poderia repelir as inspirações que recebe. Cita, v.g., a advertência do médium norte-americano Hudson Tuttle (1836 - 1910), inserida na obra, psicografada, “Arcana of Spiritualism”.

“Os grupos espíritos são, às vezes, joguetes de uma ilusão, enganados por suas próprias forças. Afastam os ditados espíritos sérios, substituindo-os pelo reflexo de seus pensamentos; e, então, observam-se contradições e confusões que ingenuamente atribuem à intervenção de Espíritos malévolos”.

Em seguida, o autor de “No Invisível” recomenda deixar que os Espíritos atuem sozinhos sobre o médium, abstendo-se da intervenção magnética humana. Esta era a atitude que norteava o “Apóstolo de Tours” em seus estudos experimentais. Raramente os Espíritos pediam-lhe que atuasse sobre o médium por meio de passes, quando a este faltava a força psíquica (fluidos).

“Na maioria das vezes os fluidos de um magnetizador, por seu estado vibratório particular, contrariam os dos Espíritos, em lugar de auxiliá-los... Um magnetizador (passista) cujos fluidos não sejam puros, que não possua um caráter reto, nem irrepreensível moralidade, pode, mesmo sem o querer, influenciar o sensitivo num sentido muito desfavorável”.

Longe de nós, aprendiz do Espiritismo, contestar o mestre; entretanto, convenhamos: onde encontrar uma pessoa, neste nosso mundo, com tais atributos, que seja espírita... e passista?

Outro ponto importante que Léon Denis destaca é a defasagem entre as faculdades do Espírito e as do médium:

“O desenvolvimento do cérebro não é idêntico, e as manifestações são por isso contrariadas. E o que nos diziam certos Espíritos, no curso de nossas experiências de incorporação. Estamos acanhadamente encerrados; falta-nos meios suficientes para exprimir os nossos pensamentos. As partículas físicas deste cérebro são muito grosseiras para poderem vibrar sob nossa ação, e as nossas comunicações se tornam por isso consideravelmente enfraquecidas”.

Por sua vez, J. Arthur Findley (Vide “No limiar do Etéreo”), afirma que o transe é um estado de inconsciência, em que caem certas pessoas anormais. Pode comparar-se à imersão num sono profundo, com breves intervalos de vigília consciente. É, todavia, mais do que o sono, porque é um estado muito

mais profundo de inconsciência; o perispírito se retira para mais longe do que no sono e o corpo fica mais insensível. Uma pessoa em transe melhor se pode comparar a alguém que esteja sob a ação de um anestésico, do que a uma que se ache a dormir, com a diferença de que o estado de transe pode durar duas a três horas e repetir-se por várias vezes, numa semana, sem qualquer efeito nocivo.

A Gênese do transe segundo a psicologia clássica

Perre Janet (L'Automatisme Psychologyque), A. Bisset (Les Altérations de la Personalité), Théodore Flourny (Des indes à la Planete Mars), Hyppolyte (D'Intelligence) e Ribot (Les Maladies de la Personalité), negando a assimilação perispitual, como condição indispensável ao transe, crêem que uma cisão se produz na consciência dos sensitivos em transe e que daí resulta uma segunda personalidade desconhecida da pessoa normal, e com a qual se relacionam todos os fenômenos. Atribuírem a essa segunda personalidade vários nomes: inconsciente, subconsciência, consciência subliminar etc. os médiuns seriam histéricos, neuróticos, particularmente predispostos, por seu estado fisiológico, a tais cisões da personalidade.

A esse respeito, manifestaram-se dois gigantes das pesquisas anímicas e espíritas: Alexandre Aksakof (Animismo e Espiritismo) e Gabriel Dellane (Recherches sur la Mediunnité) considerando as concepções supracitadas “verdadeiro sobrenaturalismo”, o que estaria mais próximo do “milagre” e não exatamente de uma justificativa científica!

Deixemos que Léon Denis, em seu estilo fluente, conclua o assunto ao afirmar.

“Há em nós profundezas cheias de mistérios, que às vezes se entreabrem e cuja visão nos perturba. Um mundo inteiro aí reside, mundo de

intuições, de aspirações, de sensações, cuja origem é desconhecida, e que parece provirem de um passado distante: mescla das aquisições pessoais, vestígios das existências percorridas na sucessão do tempo, tudo isso está gravado nos refolhos abscônditos do Eu”.

Código Penal da Vida Futura (08/05/1999)

(Para entender os desígnios de Deus)

O Espiritismo não numa autoridade de ordem particular para formular um código fantasioso.

Suas leis, no que respeita ao futuro da alma, são deduzidas de observações positivas sobre os fatos e podam ser resumidas da maneira seguinte:

- A alma ou Espírito sofre na vida espiritual as conseqüências de todas as imperfeições que não se liberou durante a vida corpórea. Seu estado feliz ou infeliz é inerente ao grau de sua depuração ou das suas imperfeições.
- Não há uma só perfeição da alma que não acarrete conseqüências desagradáveis, inevitáveis; e não há uma só qualidade boa que não seja fonte de ventura. A soma dos sofrimentos é proporcional à soma das imperfeições
- Em virtude da lei do progresso, tendo cada alma a possibilidade de conquistar o bem que lhe falta e liberta-se do que possui de mal, segundo os seus esforços e a sua vontade, resulta que o futuro está aberto para qualquer criatura.
- O sofrimento sendo inerente à imperfeição, a alma leva em si mesma o seu próprio castigo onde quer que se encontre. “Não há pois um lugar circunscrito para ela. O “inferno” está, assim, por toda a parte, onde quer que existam almas sofredoras, como o “céu” está por toda a parte, onde quer que as almas sejam felizes.

- O bem e o mal que praticamos são resultados das boas e das más qualidades que possuímos. Se toda a imperfeição é fonte de sofrimento, o Espírito deve sofrer não só por todo o mal que tenha feito, mas também por todo o bem que podia fazer e que não fez durante a sua vida terrena.

- A justiça de Deus sendo infinita, todo o male todo o bem são rigorosamente levados em conta. Se não há uma única ação má, um só mau pensamento que não tenha conseqüências funestas, também não há uma única ação boa, um só bom movimento da alma, numa palavra, o mais ligeiro mérito que fique perdido.

E isso, mesmo entre os mais perversos, porque representam um começo de progresso.

- A expiação varia segundo a natureza e a qualidade da falta. A mesma falta pode, assim, provocar expiações diferentes, segundo as circunstâncias atenuantes ou agravantes nas quais ela foi cometida.

- A duração do sofrimento está subordinada ao melhoramento do Espírito.

- O arrependimento é o primeiro passo para o melhoramento. Mas ele apenas não basta, sendo necessárias a “provação” e a “expiação”.

- O arrependimento suaviza as dores da “expiação”, porque desperta a esperança e prepara a reabilitação; mas somente a reparação pode anular o efeito e pulverizar a causa. O perdão seria uma graça e não da falta.

- A expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais que são a conseqüência da falta cometida, seja desde a vida presente ou seja após a morte, na vida espiritual, ou ainda numa nova existência corpórea, até que os traços da falta tenham desaparecido.

- A reparação consiste em praticar o bem para aquele mesmo a quem se fez o mal. Aquele que não repara os seus erros nesta vida, por fraqueza ou má vontade, tomará a encontrar-se, numa outra existência, com

as mesmas pessoas que ofendeu, e em condições escolhidas por de mesmo para poder provocar-lhe o seu devotamente, fazendo-lhes tanto o bem quanto o mal que havia feito.

- Um fenômeno sempre frequente entre os Espíritos de um certo grau de inferioridade moral consiste em se acreditarem ainda vivos após a morte, e essa ilusão pode se prolongar durante anos, através dos quais eles experimentam todas as necessidades, todos os tormentos e todas as perplexidades da vida.

Observação:

As necessidades, os tormentos e as perplexidades da vida experimentados nas condições de uma existência fictícia, em que o perispírito falsamente representa o corpo material, constituem uma situação bastante dolorosa para o Espírito.

- Alguns Espíritos são mergulhados em trevas espessas. Outros são postos num isolamento absoluto, no espaço, atormentados pelo fato de não saberem qual a sua condição e o seu destino. Os maiores culpados sofrem torturas que são mais pungentes quanto ignoram o seu fim. Muitos ficam privados de verem os seus entes queridos. Todos, em geral, passam por sofrimento cuja intensidade é relativa aos males que praticaram, às dores e necessidades que fizeram os outros sofrer, até que o arrependimento e o desejo de reparação venham trazer-lhes um abrandamento ao fazê-los entrever a possibilidade de dar, por si mesmo, um fim a essa situação.

- É um suplício para o orgulhoso ver acima dele os que ele havia desprezado na Terra, ao mesmo tempo que ele é relegado aos últimos lugares.

- A situação do espírito, desde a sua entrada na vida espiritual, é aquela que ele mesmo preparou durante a sua vida corporal Mas tarde, outra

encarnação lhe é concedida para expiar e reparar a anterior, passando por novas vicissitudes.

- A misericórdia de Deus, é, sem dúvida, infinita, mas não é cega. O culpado que ela perdoou não está dispensado de satisfazer a justiça, passando pelas consequências as de seus erros. É necessário «atender que Deus não é inexorável, deixando sempre aberta ao culpado a porta de retomo ao bem.

Apesar da diversidade de gêneros e graus de sofrimento dos Espíritos imperfeitos, o código penal da vida fatura pode se resumir nestes três princípios:

1° O sofrimento é inerente à imperfeição

2° Toda imperfeição, e toda a feita que dela decorre, trazem o seu próprio castigo nas suas consequências naturais e inevitáveis, como a doença decorre dos excessos, o tédio da ociosidade, sem que haja necessidade de uma condenação especial para cada feita e cada indivíduo.

3° Todo homem podendo corrigir as suas imperfeições pela sua própria vontade, pode poupar-se dos males que delas decorrem e assegurar a sua felicidade futura “A cada um” – disse Jesus – “segundo as suas obras”.

Conclusão:

Há quem pergunte porque Deus nos criou imperfeitos.

O princípio da evolução nos mostra que há vários graus de perfeição. Deus nos ‘criou em potência’, como sementes que têm em si mesmas todas as potencialidades futuras. Assim, “criou-nos perfeitos” Cabe-nos desenvolver essas potencialidades a fim de atingirmos a perfeição em ‘ato’, como seres espirituais. Esse desenvolvimento depende de nós, no nosso livre

arbítrio, sem o qual não teríamos responsabilidade. E sem responsabilidade não seríamos perfeitos como seres espirituais.

“A responsabilidade” - disse Léon Denis, - “estabelecida pelo testemunho da consciência, que nos aprova ou censura segundo a natureza dos nossos atos”.

Morte Coletiva (15/05/1999)

Noticia-se, em todo o mundo, quase que diariamente, o acontecimento de um grande número de desastres que vão desde vulgares atropelamentos às mais horríveis tragédias, em que inúmeras vidas são ceifadas de uma só vez, certamente no cumprimento da Lei de Causa e Efeito.

Essas ocorrências despertam nas almas sensíveis um vivo sentimento de angústia, sintonizando-as com as dolorosas vibrações desses momentos de dor e desprezo.

Lastimam-se, naturalmente, as pessoas atingidas, crianças e adultos, consideradas, no geral, vítimas inocentes “de cruel e injusto destino”. Por que Deus - perguntam os inconformados com tais desgraças - permite que tais fatos aconteçam?

Há, na verdade, tragédias tão dures, que se não houver uma necessária preparação, com base nas verdades eternas, não será possível conciliá-las com a existência de um ser soberanamente bom e justo. Acontece que, a rigor, não há fatalidade, isto é, não há uma predeterminação, aleatória ou ocasional, na perpetração futura dos fatos, como se fossem verdadeiras espadas de Dâmocles prestes a cair, indiscriminada e irresponsavelmente, sobre as cabeças das pessoas inocentes.

“A fatalidade” - disseram os Espíritos a Allan Kardec - “não existe

senão na escolha feita pelo Espírito, ao encarnar-se, de sofrer esta ou aquela prova. Ao escolhê-la, ele traça para si mesmo uma espécie de destino, que é a própria conseqüência da posição em que se encontra”.

Os Espíritos reveladores se referem, no caso, às provas de natureza física, porque, no que diz respeito às provas morais, o Espírito, conservando o seu livre arbítrio, é sempre senhor de ceder ou resistir.

Allan Kardec, com o intuito de lançar luzes ao controvertido assunto, pergunta aos seres invisíveis se qualquer que seja o perigo que nos ameace, não morreremos se a nossa hora ainda não chegou. Ao que responderam os Espíritos:

“Não, não morrerás, e tens disso milhares de exemplos. Mas quando chegar a tua hora de partir, nada te livrará. Deus sabe, com antecedência o gênero, de morte por que partirás daqui e freqüentemente teu Espírito também sabe, por isso lhe foi revelado quando fez a escolha, nesta ou naquela existência”.

Daí pode-se concluir que os avisos premonitórios fazem parte desse processo. Não raras vezes, pessoas relacionadas ou não com determinadas catástrofes recebem avisos do que irá acontecer. Entretanto não podem evitar que elas ocorram.

Quanto ao conhecimento antecipado (premonição) do gênero de morte da qual o Espírito deve experimentar, os Espíritos tutelares da Codificação respondem:

“Ele (o Espírito) sabe que o gênero de vida que escolheu o expõe a morrer de tal maneira antes que de tal outra; mas ele sabe, igualmente, das lutas que terá de sustentar para o evitar, e que, se Deus o permite, não

sucumbirá”.

Allan Kardec ainda pergunta:

“Há fatos que, forçosamente, devam acontecer e que a vontade dos Espíritos não possa evitar?

“Sim” - respondem os Espíritos - “mas que tu, quando no estado de Espírito, viste e pressentiste, ao fazer a tua escolha. Entretanto, não creiais que tudo o que ocorre esteja escrito, como se diz. Um acontecimento é, frequentemente, a consequência de uma coisa que fizeste por um ato de tua livre vontade, de tal sorte que se tu não tivesse feito essa coisa, o fato não concorreria...”

O certo é que a evolução do Espírito se processa em existências sucessivas, marcadas de acontecimentos trágicos e felizes. Cada Espírito tem, na verdade, o seu determinismo próprio, sua causalidade psíquica e moral, seu próprio processo evolutivo. Entretanto, todos esses processos individuais se encadeiam uns aos outros e se renovam sem cessar, seguindo, ao mesmo tempo, o determinismo da História. O Homem, em suma, não é um veículo que a necessidade empurre por detrás e ao acaso. Ele leva, em si mesmo, a força motriz e diretora de suas decisões, assumindo, na maioria das vezes, suas dolorosas consequências.

[Onde, Quando e como Jesus Nasceu? - Parte 1 \(22/05/1999\)](#)

Tanto Mateus como Lucas se interessaram em relacionar o nascimento de Jesus ou Yeshua com as antigas tradições proféticas. Mas em vez de imaginar casais inférteis e concepções miraculosas, como nos casos de Abraão e Sara e dos pais do profeta Samuel, eles se fundamentam no nascimento e infância de Moisés. Na versão escriturística, o faraó, governante do Egito,

tentou exterminar os israelitas residentes em sua terra ao ordenar (Êxodo 1:22): Jogai no Nilo todo menino que nascer. Mas deixar viver as meninas. Moisés nasceu nessa época e só conseguiu se salvar porque sua mãe o escondeu logo após o nascimento, pondo-o em um cesto que desce o rio e é encontrado pela filha do faraó. Moisés não nasce simplesmente depois do massacre ter sido decretado; antes, o massacre foi decretado afim de matar Moisés.

Em “Antiguidades Judaicas”, de autoria do historiador judeu Flavio Josefo, lê-se:

Um outro incidente teve o efeito de estimular ainda mais os egípcios a exterminar nossa raça. Um dos escribas religiosos - pessoas com consideráveis habilidades para predizer o futuro - anunciou ao faraó que nasceria entre os israelitas nessa época um que rebaixaria a soberania dos egípcios e exaltaria os israelitas, se fosse criado até a maturidade, e superaria todos os homens em virtude e ganharia renome duradouro. Alarmado, o faraó, diante desse sábio conselho, ordenou que todo menino que nascesse entre os israelitas deveria ser eliminado sendo lançado ao rio.

A fim de eliminar o menino predestina-lo, o monarca egípcio ordenou a matança de crianças israelitas de sexo masculino.

No Livro das Recordações, citado pelo Prof. John Dominic Crossan (in: Jesus - uma biografia revolucionária, Imago), há quatro relatos sobre o nefasto episódio:

(Sinal) O faraó sonhou que estava sentado no trono de seu reino. Olhou e viu um velho à sua frente com uma balança, como as de um comerciante na mão. O velho pegou os pratos da balança e os segurou diante de faraó. Então pegou todos os anciãos do Egito, príncipes e os nobres, e os pôs em um prato

da balança. Depois, pegou um cordeiro tenro e o pôs no segundo prato, e o cordeiro pesou mais que todos eles. O faraó se admirou com essa terrível visão, como o cordeiro pesou mais que todos eles, e então despertou e descobriu que se tratava de um sonho.

(Medo) - Na manhã seguinte, o faraó se levantou e quando havia convocado todos os seus cortesãos e narrado o sonho, eles ficaram extremamente aterrorizados.

(Consulta) Então um dos príncipes reais respondeu: ‘Isto só pode significar que um grande mal virá para o Egito no fim dos dias’. ‘E o que é isto?’, perguntou o faraó ao eunuco. Então o eunuco respondeu: “Em Israel nascerá uma criança que destruirá toda a terra do Egito. Se apraz ao rei, permita que uma lei seja escrita aqui e promulgada em toda a terra do Egito, para que todo menino recém-nascido dos hebreus seja morto, de modo que todo mal seja afastado da terra do Egito.

(Massacre) - E o faraó assim o fez e mandou chamar as parteiras dos hebreus.

“Esta história”- esclarece o professor Crossan - “com suas cenas sucessivas, é o modelo para o relato de Mateus sobre o nascimento de Jesus (2:1-18), embora, naturalmente, ele tenha incluído os sábios pagãos (os magos) que não tem equivalência nos relatos populares do nascimento de Moisés”.

Eis a versão de Mateus.

(Sinal) Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo de Herodes, eis que vieram os magos do Oriente a Jerusalém, perguntando: “Onde está o rei dos judeus recém-nascido? Com efeito, vimos a sua estrela

no céu surgir e viemos homenageá-lo.

(Medo) Ouvindo isso, o rei Herodes ficou alarmado e com ele toda Jerusalém.

(Consulta) E, convocando todos os chefes dos sacerdotes e os escribas do povo, procurou saber deles onde havia de nascer Jesus. Em Belém da Judéia, pois é isto que foi escrito pelo profeta.

(Massacre) Então Herodes, percebendo que fora enganado pelos magos, ficou muito irritado e mandou matar, em Belém e em todo o seu território, todos os meninos de dois anos para baixo.

A verdade é que não são os relatos bíblicos, mas as versões populares sobre o nascimento de Moisés que serviram a Mateus como modelo para o nascimento de Jesus. Assim como o faraó ouviu sobre a chegada do menino predestinado e procurou matá-lo, matando todos os meninos. Herodes fez o mesmo com Jesus. Moisés salvaria o seu povo do Egito, mas Jesus salvaria seu povo de seus “pecados”.

“Há naturalmente”, afirma o professor Crossan, “inversões irônicas bem como detalhes paralelos no relato de Mateus. Os magos pagãos lêem as estrelas e vêm de longe para aceitar Jesus, enquanto Herodes, lê as escrituras judaicas e procura matá-lo. E Jesus foge em busca de refúgio no Egito, a terra de que Moisés libertou seu povo após uma seqüência de maldições que levou ao extermínio de centenas de egípcios.

O certo é que o passado foi usado para fundamentar o presente e descobrir o futuro; mas, no processo, Jesus se tornou incomparavelmente maior do que qualquer predecessor por que estivesse sendo modelado. A similaridade entre o nascimento de Moisés e de Jesus não é uma coincidência;

antes, afigura-se-nos como exemplos que tentam ligar a vinda do Mestre a este mundo como uma predestinação divina, ao destino de Moisés. Este representaria a Primeira Revelação e Jesus, a Segunda Revelação, ligadas e sequenciadas.

Onde, Quando e como Jesus nasceu? - Parte 2 (29/05/1999)

Mateus e Lucas admitem que Jesus nasceu em Belém, aldeia ao sul de Jerusalém nas montanhas da Judéia. Mas uma vez deparamo-nos com a mitologia e não com a história. Por sinal, uma das profecias no livro de Micah (do hebreu Mikael), chamada mulher de Adriel, contemporânea mais jovem de Isaias, no oitavo século a. C. profetizava:

“Mas de ti, ó Belém de Efrateu, que é um dos pequenos clãs de Judá, de ti virá para mim aquele que governará Israel, cuja origem e de outrora, de tempos antigos.”

Essa profecia é explicitamente citada por Mateus, 2:6

E tu, Belém de Judá, de modo nenhum, és a menor entre as principais cidades de Judá: porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo de Israel.

Ademais, não há indicação de que alguém

Passemos, agora, a palavra ao professor Crossan:

Não é suficiente continuar dizendo que Jesus não nasceu de uma virgem, não nasceu da linhagem de Davi, não nasceu em Belém, que não houve estábulos, pastores, estrela, magos, massacre de crianças e nem fuga para o Egito. Tudo isso é verdade, mas ainda fica a pergunta sobre quem era Ele e o que fez para levar seus seguidores a fazer tais afirmações, que

se contradizem, que confundem, impedindo, até certo ponto de se conhecer a Verdade dos fatos.

A Prece, o Pensamento e a Vontade (05/06/1999)

Pensamento é força; a única força; a grande causa. Se toda a humanidade orasse, formar-se-ia sobre o planeta um manto magnético inimaginável em suas propriedades positivas. Haveria mais saúde, mais paz geral. Se já em pequenos locais, onde se costuma seguidamente orar, se sente a energia espiritual das coisas, que seria da Terra se ela fosse um maravilhoso templo de oração constante?

O indivíduo que ora se fortalece mentalmente. E tendo vigor mental, tem vigor físico, férrea e natural consequência. Física e espiritualmente, o homem é o que pensa. O que ora, pois, consegue a realização em si do sonhado binômio integral: paz - saúde. Todo o equilíbrio celular é comandado pelo pensamento. Em nós, portanto, está a chave da felicidade. Se a quisermos, obtê-la-emos.

Por outro lado, através da prece podemos aliviar as dores de inúmeros sofredores. Aliás, sobre isso, há já antiquíssimo conhecimento e uso através das civilizações milenares. A alma do povo sente a intuição coletiva, universal, das verdades eternas.

Podemos erradicar vibrações poderosas em benefício de doentes e de Espíritos sofredores. As energias são aproveitadas pelos guias e dirigentes, depois de ampliados e modificados em seu tônus espiritual para objetivos seguros. E quanto maior número, de mentes harmonizadas, melhor, a sintonia, mais extensa as possibilidades de recursos.

A capacidade volitiva, enfim, é o principal fator do êxito da prece.

Deve haver desejo; predisposição a renovar-se. A vontade aumenta com a compreensão e o próprio exercício. A vontade está diretamente vinculada à força da fé. Fé e sublimação da vontade, é confiar, é acreditar, é ter certeza de que as rogativas sinceras e equilibradas encontrarão a receptividade.

A prece pressupõe fé, e fé compreende vontade!

A prece, finalmente, é uma solene introspecção, isto é, atenção dirigida para o íntimo do ser. Há diferentes fases nessa introspecção:

- a) Superficial: que se verifica no período intelectual da prece. A pessoa tenta afastar-se, aos poucos, do mundo objetivo para refugiar-se dentro dela mesma e sentir-se espiritualmente;
- b) Profunda: aquela em que o ser, conseguido o isolamento do mundo exterior, busca contatar com Deus. Quanto maior a capacidade atencional – em duração e intensidade – maior ressonância espiritual conseguirá registrar.

Tais procedimentos, entretanto, não anulam as repercussões dolorosas motivadas ao longo da vida-de-relação da pessoa, segundo os atos que praticou; concede-lhe a força de que precisa para enfrentá-las sem queixumes e revoltas, considerando-as imprescindíveis ao seu crescimento moral. Não foi sem razão, a propósito, que os gênios tutelares da Codificação do Espiritismo revelaram que a Lei de Deus se encontra registrada no íntimo do ser imortal. É aí que ele vai constituir racional ente-de-razão em torno dos seus cruciais problemas, do seu destino e de suas dores...

“O Santo Inquérito” Uma trágica história de amor (12/06/1999)

“O Santo Inquérito” é uma das mais importantes peças da dramaturgia brasileira, de autoria de Dias Gomes. Tive a oportunidade de assistir a ela no Teatro Maria Betânia, em Salvador, com a excelente direção de Fernando Guerreiro, e cenário e figurino de Márcio Meireles. O elenco é todo ele composto de atores baianos, cujo desempenho vem merecendo os maiores elogios da crítica especializada. A peça se desenrola em um único ato, de intensa dramaticidade. O entrecho conta a história, presumivelmente verídica, do julgamento de Branca Dias por parte do Tribunal do Santo Ofício, nos finais do século XVIII, na Paraíba.

O “pecado” de Branca Dias foi o de extravasar os seus íntimos sentimentos de mulher ardorosa e apaixonada pela vida e as coisas da vida. E tudo fazia com a maior naturalidade e pureza, alheia aos rígidos ordenamentos religiosos da época.

O drama atinge sua intensidade psicológica e emocional quando Branca Dias salva, da morte certa, da correnteza do Rio Paraíba, pelo Padre Bernardo, mediante o processo de respiração boca-a-boca. O ato de salvação pareceu, ao clérigo, um tremendo pecado - na verdade fora beijado, na boca, por uma mulher, que lhe enodava a “castidade sacerdotal”.

O certo, porém, é que a bela e atraente Branca Dias conseguiria, sem o perceber, despertar recônditos e jugulados sentimentos no Padre Bernardo, suscitando-lhe profundo conflito. Lutaria, a partir daí, entre os votos que fizera e se comprometera a cumprir, e uma natural e bem humana necessidade de amar e ser amado. Branca, a princípio, não notara que lhe havia despertado algo de tão íntimo e até então reprimido. E o sacerdote tenta, infrutiferamente, transferir tudo aquilo que ora palpitava,

internamente em sua alma, para o terreno duvidoso da tentação.

Sim! Tudo aconteceu em decorrência da Tentação, que, por algum momento, deixara-se embair. E agora precisava ser feito, e ele o fez. Pressionava a jovem e a sua família, buscando arrancar qualquer evidência de heresia que pudesse consubstanciar um processo à luz do Direito Canônico. Na realidade, o Padre Bernardo desejava ver-se livre da incômoda tentação, personificada na própria Branca Dias. Eliminando-a, estaria, imaginava, extirpando de seu ser aquele irreprimível amor que eclodiu, intempestivo, sem que ele soubesse como e nem por que razão. E a trama vai sendo tecida a tal ponto que Branca Dias e o pai são levados às barras do Tribunal da Inquisição, presidido por um intolerante Visitador, acolitado por um antipático Notário. O inquérito raia ao absurdo!

Os argumentos de Branca Dias, em sua translúcida inocência, não conseguem sensibilizar os verdugos, que falavam e se conduziam em nome de Deus e do Mestre Jesus (!). A rigor, não se estava julgando em nome do Evangelho, mas em nome de dispositivos humanos, supostamente fundamentados nos superiores ensinamentos de Cristo. Estabelece-se a velha luta entre o amor e o ódio, não aquele amor aviltado pelos cânones, mas o amor que irrompera, irreverente n'alma do Padre Bernardo, a que tentou, e não pôde, alijá-lo, como uma feia nódoa. E quem o fecundou deveria perecer.

Precisava, pois, ser abortado, embora à custa de sofrimentos. E se Branca conseguira despertar naquele escravo dos dogmas tais e sublimes emoções, era justamente porque ele era tão puro quando ela, conquanto lamentavelmente acorrentado aos preceitos religiosos. A condenação era inevitável. Branca Dias perece na fogueira, mas o fruto de seu “pecado” permaneceria inextirpável na alma do sacerdote, órfão, mas existente,

e pulsátil, numa viva demonstração de que o amor está muito acima de quaisquer convenções humanas, porque é eterno como o próprio Espírito de cuja essência divina é integrante e inalienável e transcende os limites da vida, que é eterna enquanto dura...

Antero de Quental e o supremo engano (19/06/1999)

Antero de Quental nasceu nos Açores, Portugal, aos 18 de abril de 1842 desencarnou em 11 de setembro de 1891. Ele é o primeiro poeta da fase realista em Portugal. É um dos mestres dos sonetos. E sonetos anteriores exprimem o drama da sua consciência; e, superando o caso pessoal, a problemática humana universal. A grandeza de sua arte está na síntese, tantas vezes decantada, emoção-ideia, poesia-filosofia. Antero é um poeta que se comove e um poeta que filosofa. A expressão comovida do pensamento e o aprofundamento meditativo das emoções encontraram nele um vate senhor do seu instrumento, da sua estética. Sabia dramatizar os problemas da consciência e as cogitações do Espírito - Martins - e que vive o que sente e pensa, acrescenta - Casais Monteiro. Não há quebra entre a sua vida e a sua arte, entre a sua ação humana e a sua obra literária.

“Fazer versos” - diria Antero - “foi sempre em mim coisa perfeitamente involuntária; pelo menos ganhei com isso fazê-los sempre perfeitamente sinceros”.

Antero de Quental, aos 49 anos de idade, resolveu sair da vida pelas portas enganosas do suicídio, ao tempo em que perfilhava exasperado pessimismo e profunda depressão. Sofreu, o aedo, e quanto!, presa da dor e do desespero. Ei-lo, contando em versos, as suas agruras através da psicografia, servindo-lhe de médium Francisco de Cândido Xavier:

Quando fugi da dor, fugindo cio mundo,

*Divisei aos meus pés, de mim diante,
A medonha figura de gigante,
Do remorso de olhar grave e profundo.*

*Era de ouvir seu grito gemebundo!
Sua voz cavernosa e soluçante!...
Aproximei-se dele, suplicante.
Dizendo-lhe, cansado e moribundo:*

*Que fazes ao meu lado, corvo horrendo,
Se enlouqueci no meu degredo estranho,
Acordando-me em lágrimas, gemendo?”*

*Ele riu-se e clamou para meus ais:
“- Companheiro da dor, eu te acompanho
Nunca mais te abandono! Nunca mais!...”*

Em seguida o sofrido poeta lusitano conclui as suas confissões, plenas de remorsos, com este outro soneto:

*Crê-se na Morte, o Nada e todavia
A Morte é a própria Vida, ativa e intensa,
Fim de toda a amargura da descrença,
Onde a grande certeza principia.*

*O meu erro no mundo da Agonia,
Foi crer demais na angústia e na doença
Da alma que luta e sofre, chora e pensa,
Nos labirintos da Filosofia...*

*E no meio de todas as canseiras
Cheguei, enfim, às dores derradeiras
Que as tormentas de lágrimas desatam!...*

*Nunca, na Terra a crença se realiza,
Porque em tudo, no mundo, o homem divisa
A figura das dúvidas que matam.*

Antero de Quental nestes dois sonetos reflete, nitidamente, a influência que sofreu de Edgar Allan Poe, outro atormentado e incompreendido poeta, autor de um dos mais belos e universais poemas. “O Corvo”, em que ele

imprimiu aquela perspectiva nostálgica do “nunca mais”, que angustia a todos aqueles que cultivam a dúvida, fecunda e filosófica, sobre o Ser e a sua sobrevivência após a Morte.

Espírito projeta sua imagem na TV (26/06/1999)

Claude Thorlin e sua esposa Ellen, relata o Dr. H. G Andrade, viviam em uma cidade na Suécia, distante 420 milhas da pequena cidade de Hoor, onde Friedrich Juergenson, autor do clássico “Sprechfunk Mit Verstobenen” (Telefone para o Além) tinha a sua casa. Dia 21 de outubro de 1987, pela manhã, quando Claude e Ellen tomavam café, esta última ouviu uma voz dizendo-lhe para usar o Canal 4 da TV. Ellen é clarividente e clariaudiente, desde a infância, mas ela e Claude ficavam meio na dúvida porque a estação só tinha dois canais: Canal 1 e Canal 2 Embora Ellen não tivesse identificado corretamente a voz, ele teve a intuição de que o aviso teria implicações com a cerimônia fúnebre de seu amigo recém-falecido Friedrich Juergenson que ocorreria naquele mesmo dia.

Claude Thorlin devia estar informada das experiências do casal Harsch – Fischbbach e de Klaus Schreiber, a respeito das fotografias em TV obtidas por ele. Por isso ele se munuiu de uma câmara Polaroid e, às 13 horas, ele e sua esposa passaram a observar a tela de sua TV, ligada no Canal 4 e, portanto, sem imagem. A propósito dessa experiência, Claude enviou uma carta ao Dr. George W. Meek (fundador da Metascience Foundation e construtor do SPIRICOM), relatando o que aconteceu naquela oportunidade:

“Eu ajustei o aparelho de TV no Canal 4, muito embora eu soubesse que não haveria programa para nós assistirmos naquele canal. Estar sentado ali, diante de TV, começou a se tornar aborrecido.

Começamos a indagar se a clariaudiência de Ellen não a havia

enganado.

Estávamos a ponto de ir embora e prontos a desligar a TV, quando o aspecto da tela mudou. Eu pensei que talvez o tubo de imagem tivesse se estragado, porque tudo se tomou preto. Todavia, algo inesperado aconteceu na tela. A parte inferior esquerda se tomou luminosa. Naquele momento eu ergui a câmara, focalizei e bati a primeira foto.

Em cerca de 6 ou 7 segundos a luz se expandiu sobre toda a tela e então lentamente mudou. Exatamente naquele momento eu tirei a segunda foto. Olhei para meu relógio - era exatamente 1 hora e 22 minutos da tarde. Depois, confirmei que a cerimônia fúnebre de Juergenson havia começado à 1 hora da tarde.

Conseguiu-se, assim, captar a imagem do grande pesquisador, através desse maravilhoso processo.

“Pela carta” - conclui o Dr.H. Guimarães Andrade - “Vê-se que Juergenson se manifestou visivelmente pela TV ao casal Claude e Ellen Thorlin, no exato momento de seus funerais”.

Esta foto do duplo de Juergenson ilustra o trabalho de Dr. H. G. Andrade na RIE.

As considerações do Dr. George IV. Meek sobre a comunicado instrumental com os mortos

“Os mortos estão vivos!” - exclamou o Dr. George Meek, diante a realidade da comunicação, em dois sentidos através do rádio, secretária eletrônica e computador. Entretanto, esse processo de comunicação, como afirmou - “representa somente um incipiente começo. E as rápidas imagens sombreadas dos mortos na letra do vídeo, podem parecer amadorísticas”.

E completa:

“Vários anos de desenvolvimento serão necessários antes que se tenha aprendido o suficiente acerca das leis fundamentais da Natureza para trazer o equipamento a um nível de utilidade e de confiabilidade”.

Concluindo, vale transcrever estas prudentes observações:

“Para que o aparelho funcione, temos que usar a energia psíquica de uma pessoa com este dom natural”.

William O’Neil, engenheiro do grupo pesquisador do Dr. George Meek (que já desencarnou), possuía essa energia (ectoplasma gasoso) que foi largamente usada para a obtenção das comunicações nos primeiros aparelhos SPIRICOM, realizadas pela Metascience Foundation, organização científica fundada em 1970, nos Estados Unidos, destinada à pesquisa no campo da comunicação instrumental com os mortos.

[O Ectoplasma \(I\) \(10/07/1999\)](#)

O ectoplasma era conhecido pelos alquimistas do século XVII, assim como de Emmanuel Swendenborg. Paracelso de nominou o ectoplasma de “Misterium Magnum”. O termo foi criado pelo Dr. Charles Richet, segundo declaração dele mesmo (vide: “Traité de Métapsychique”, edição de 1992). É, entretanto, conhecido da Biologia, onde designa determinada substância no protoplasma. De acordo com o professor Albert Schrenck-Notzing (vide: “Les Phénomènes Pshyiques de la Mèdiumnité”, edição de 1925), já em 1898, Rumbler, com base no “movimento da incessante transformação do endoplasma em ectoplasma”, apresentou, em suas obras, uma “explicação mecânica completa do movimento das amebas”.

William Barret (vide: “On the Theahold of the Unseen”), por sua vez,

afirma que o vocábulo ectoplasma é adaptação que Frederic Myers fizera de uma palavra que lhe fora sugerida pelo pesquisador polonês Julien Ochorowicz.

Não foram poucos os pesquisadores que se ocuparam com o ectoplasma. O juiz Petersen, v.g. afirma que em 1877 viu uma “nuvem floculenta” envolver o médium W. Lawrence, formando gradativamente, um corpo sólido, conforme consta em seu livro “Essays from the Unseen”. James Curtis presenciou, na Austrália, em 1978, através da mediunidade de Henri Slade “uma como nuvem de vapor branco-acinzentado se formando e aumentando, antes do aparecimento de uma figura inteiramente materializada”. Alfred Russel Wallace revela ter visto com o Dr. Monk (conhecido também, por reverendo) “uma mancha branca” que aos poucos se transformou numa “coluna nevoenta”. Alfred Smedley em uma sessão com o médium William (quando John King se manifestou), reporta-se a uma “nuvem francamente iluminada”. William Crookes, nas pesquisas com o famosíssimo- médium Daniel Dunglas Home, viu “uma nuvem luminosa”, que se condensou em uma mão. EA..Brackett, trabalhando com a médium Helen Barry (1885), nos Estados Unidos da América, constatou que “uma pequena substância branca, como uma nuvem”, se dilatou, formando uma estranha figura de mulher. O fato é relatado em “Materialized Apparition”. Edmund D. Rogers observou “uma substância esbranquiçada e fumacenta” ao lado do médium William Eglinton, em experiências realizadas em 1885. Elizabeth D’Esperance afirmou, após uma das inúmeras sessões experimentais de que participou como médium: “parecia-me sentir que fios muito finos me saiam pelos poros da pele.

A propósito da informação de Madame D’Esperance, o Espírito Katie King, em algumas ocasiões, ficava ligado à médium Florence Cook “por meio de fios nevoentos e fracamente luminosos”.

Em “Life and Experience”, Edmund Dawson Rogers, citado por Sir Arthur Conan Doyle, informa o que aconteceu na sessão realizada com o concurso de médium William Eglinton, na cidade de Londres:

“Mr. William Eglinton, em estado de transe, passou pela sala, entre os assistentes e... começou, delicadamente, a tirar de seu lado e a atirar em ângulo reto uma substância fumacenta e esbranquiçada, que caía à sua esquerda. A massa de matéria branca no chão ia aumentando de largura, começou a pulsar e a se mover para cima e para baixo, oscilando para um lado e para o outro, como se a força motora estivesse por baixo. A massa cresceu até três pés (...) de altura e logo depois a forma cresceu rapidamente, silenciosamente, até a plena estatura. Por um rápido movimento das mãos, Mr. Eglinton separou o material branco que cobria a cabeça da forma e aquele caiu para trás, sobre os ombros, tornando parte da indumentária do ‘Visitante’. O laço de ligação - o fio esbranquiçado que saía do lado do médium - foi cortado ou se tornou invisível, e a forma avançou para Mr. Everitt, deu-lhe um aperto de mão e correu todo o círculo, tratando cada um da mesma maneira.

Em uma sessão em Argel (capital da Argélia), realizada em 1905, com Marthe Béraud, depois conhecida, graças à Doutora Juliette Alexandre Bisson, da Sorbonne como Eva Carrière, eis o que ocorreu e vem relatando nos “Annals of Psychological Science”, volume II:

“Marthe estava só na cabina, nessa ocasião. Depois de esperar cerca de vinte minutos, ela mesma abriu completamente a cortina e sentou-se em sua cadeira. Quase imediatamente estando Marthe bem à vista dos assistentes, suas mãos, a cabeça e o corpo bem visíveis - viu-se uma coisa branca, de aparência diáfana, se formando junto a ela. A princípio, parecia uma grande mancha nevoenta perto do cotovelo direito de Marthe, e parecia ligada ao seu corpo. Era muito móvel e crescia rapidamente para cima e para baixo,

assumindo finalmente, uma aparência de um certo modo amorfa de uma coluna nevoenta, que ia desde cerca de dois pés acima da cabeça de Marthe até os seus pés. Não era possível distinguir nem as mãos nem a cabeça; o que se via era semelhante a nuvens brancas e floculentas de brilho variável, que se ia condensando gradualmente, e se concentrando como que em redor de um corpo invisível”.

O dr. Albert Schrenck-Notzing que se associou a Dr”. Bisson, na investigação da faculdade mediúnica de Eva Carriers, eis o que esse pesquisador alemão revela, após as experiências realizadas juntamente com a Madame Bisson, com a referida, médium:

“Muita vezes fomos capazes de verificar que, por um processo biológico desconhecido, vem do corpo do médium um material a princípio semifluídico, que possui algumas das propriedades da substância viva, principalmente a do poder de transformação, de movimento e de aquisição de formas definidas”.

“Sir Arthur Conan Dyole acrescenta:

“A gente pode ver essa coisa (o ectoplasma) como filamentos viscosos, como água de súbito congelada, pendendo do queixo, caindo pelo corpo, formando um avental branco ou se projetando sem forma pelos orifícios da face. Quando tocada, ou quando uma luz inadequada a atinge, ela se recolhe tão rapidamente e tão maravilhosamente quanto os tentáculos de um polvo invisível. Se agarrada e apertada, o médium sente profundo desconforto, podendo até matá-lo”.

Eva Carrière também fora investigada pelo Dr. Gustave Geley. Ao final das pesquisas, o autor de “O Ser Subconsciente” exclama:

“Aquilo que vimos mata o materialismo. Já não há mais lugar para ele no mundo”.

Análise histológica do ectoplasma (II) (17/07/1999)

No mês de outubro de 1988 o conceituado “Jornal Espírita”, atualmente editado sob a responsabilidade da Federação Espírita de São Paulo, estampava na página 7, um trabalho de nossa autoria sob o título “Análise Histológica do Ectoplasma”. Fundamentava-se, a matéria, em uma detalhada informação, sobre o assunto, inserida na antiga Revista (“Revelador”, fevereiro de 1941) do Departamento de Propaganda da União Federativa Espírita Paulista, então dirigida pelo jornalista e pesquisador Odilon Negrão, um dos mais lídimos divulgadores da Causa Espírita no Estado de São Paulo.

Entre os mais notáveis cientistas que se preocuparam com o estudo dos fenômenos supranormais, destaca-se o Dr. Albert von Schrenck-Notzing, neurólogo de fama em Munich, na Alemanha, que chegou a compendiar as suas melhores e mais felizes observações em “Die Physikalischen Phénomene des Mediumismus”.

Transcrevemos os resultados da análise ectoplasmática, recolhida nos trabalhos feitos com a grande médium polonesa Stanislawa, que foi uma das maiores sensitivas do mundo, na especialidade da produção de fenômenos físicos e fisicommentais.

O primeiro resultado dessa análise foi obtido pelo Dr. Lebedezinky, de Varsóvia (I); o segundo pelo Dr. Schrenck-Notzing, na experiência de 25 de janeiro de 1913. Publicando os resultados dessa pesquisa, “O Revelador” julga estar prestando serviço útil aos estudiosos da parte científica do Espiritismo.

Em 20 de janeiro de 1916, o experimentador polonês, Dr. Lebiedezinky, conseguiu recolher, num recipiente de porcelana esterilizada, um pequeno fragmento de matéria ectoplasmática, antes que o ectoplasma tivesse tido tempo de desaparecer da boca do médium. Esse fragmento tinha o diâmetro de 10 mm, a espessura de 5 mm e pesava 0,101 gramas. Parecia poroso, sua cor era branca-amarelada-reluzente e não desprendia nenhum odor. O fragmento de ectoplasma foi dividido em duas partes iguais, sendo uma analisada no Instituto Biológico do Dr. Raul France, em Munich, e outra, no Laboratório do Museu de Agricultura e de Indústria de Varsóvia. Como as duas análises, feitas independentemente uma da outra, coincidem, basta mencionar aqui que ambas deram os mesmos resultados que as investigações microscópicas verticadas sobre os restos teleplásticos recolhidos nos trabalhos da médium Eva Carrière. Segundo o resultado desses dois estudos - o do médico polonês e o do neurólogo alemão - o ectoplasma é uma substância albuminóide, ligada a um corpo gorduroso e células, análogas às do organismo humano. É particularmente notável o grande número de leucócitos que nele se contém. As expectorações, por exemplo, nunca os contiveram em tão grande quantidade.

A matéria ectoplasmática recorda o líquido linfático e o quilo do corpo humano, sem ser, todavia, idêntico a esses produtos. Encontrou-se no vestido de Stanislawa, na parte em que o fantasma havia tocado, pequena mancha branca, quase do tamanho de uma pequena moeda de 3 marcos. O exame microscópico das partículas dessa mancha ectoplasmática (foram obtidas 10 preparações), indicou a seguinte composição: nas preparações de números 1 a 9, notamos formações celulares granuladas, de forma e tamanho dos glóbulos brancos, ou melhor, dos corpúsculos mucilaginosos (2). Também há corpos sem núcleo em forma de células epiteliais, assim como células de epitélio características.

Na preparação n° 10, encontraram-se grupos bem definidos de núcleos, assim como glóbulos brancos ao lado de células epiteliais nitidamente reconhecíveis, o exame da preparação n° 10 justifica a hipótese, segundo a qual, as formações granulosas encontradas em outras preparações representam, igualmente, glóbulos brancos, cujo núcleo está oculto por uma granulação, e segundo a qual, os corpúsculos desnucleados e em forma de células de epitélio derivariam daqueles, nos quais os núcleos tivessem desaparecido.

No que concerne a origem dos produtos submetidos a exame, a composição e a aparência dos mesmos, sobretudo nas preparações 1 e 2, recordam expectorações, visto como se encontram neles um grande número de corpúsculos mucilaginosos e, também, células redondas afetadas de degeneração gordurosa, sob a forma de células de “epitélio alveolar”.

A forma prolongada dos glóbulos brancos que aparecem amiúde, deitados em massas filamentosas, pertencem, realmente, às expectorações. Por outro lado, o aspecto das manchas ectoplasmáticas examinadas e que foram encontradas no tecido negro do vestido da médium Stanislawa, não correspondem às expectorações dissecadas, porque, segundo as experiências, estas expectorações formam sobre o tecido preto películas esbranquiçadas e reluzentes, compostas de um conjunto de inúmeras ilhotas. Estas ilhotas devem sua origem às bolhas de ar encontradas nas expectorações.

As manchas esbranquiçadas examinadas não tinham brilho e não estavam mescladas, em absoluto, com bolhas de ar.

Não se pode admitir outra origem à matéria ectoplasmática, pois que as secreções nasais deveriam apresentar um grande número de células epiteliais refrativas e, as manchas de ectoplasma condensados foram

encontradas e colhidas no vestido de Stanislawa, à altura de seu colo.

Propriedades humanas dos seres materializados (III) (24/07/1999)

Movimentos de corpos pesados com contato, mas sem intervenção mecânica:

São experiências vulgares e bem conhecidas. Consistem, particularmente, em elevar no ar objetos pesados, quando se lhes coloque as mãos e em cima (levitação). Mencionemos, incidentalmente, que esses movimentos são em geral procedidos de abaixamento da temperatura, podendo, às vezes, determinar uma corrente de ar bastante violenta para que o termômetro baixai alguns graus; nesse gênero de experiências, folhas de papel voam impelidas por essa corrente de ar.

Fenômenos de percussão e concordância dos sons:

São ruídos mais ou menos fortes, mais ou menos agudos que se ouvem sempre quando se está em presença de um médium de efeitos físicos, que apóia a sua mão sobre qualquer objeto. Estes fenômenos, um tanto e quanto vulgares, são, contudo, importantes, quando encarados sob outro ponto de vista. São esses movimentos devidos a uma força inteligente. Eis a conclusão a que chegou o professor William Crookes, sobre tais fenômenos.

“Notei, desde o início das minhas investigações, que o poder que produz esses sons não é certamente força cega, mais sim associada uma inteligência ou mesmo governada por ela. Assim, os sons de que acabo de falar foram repetidos um determinado número de vezes: tomaram-se fortes ou fracos, produziram-se fortes ou fracos, produziram-se em diversos lugares, segundo as perguntas que se faziam. E, por meio desses sinais, definidos previamente, perguntas, respostas e mensagens foram dadas com satisfatória

precisão. A inteligência que preside a esse fenômeno está freqüentemente em posição com o desejo dos médiuns, quando seja expressa uma determinação de se praticar qualquer coisa que não seja razoável. Vi diferentes sinais indicando que de tal modo se não procedesse. Essa inteligência assume por vezes um caráter tal, que é impossível deixar de compreender que ela não poderia dimanar de nenhuma das pessoas presentes”.

Estes sons podem distinguir-se nas paredes, na mesa, no teto, tanto como em quaisquer objetos (vidro ou metal), variam desde o arranhar até ao ruído mais intenso (mencionado como um martelo em pancadas redobradas, sob um poderoso impulso) a tal ponto que se tem a impressão de que o objeto se vai partindo em pedaços. É realmente assustadora tais manifestações dos invisíveis, que assim demonstram, à sociedade, que podem agir, com desenvoltura, na esfera ponderável, uma vez que disponham de condições compatíveis.

Essa série de fantásticas experiências ninguém as pôde pôr em dúvida. Para afastar qualquer suspeita, William Crookes mandou construir instrumentos registradores especiais e procedeu às verificações em presença e sob a vigilância do Dr. W. E. Cox, conhecido pesquisador dos fenômenos psíquicos, criador do termo “força psíquica”. O Dr. Cox foi um dos fundadores, em 1882, da Sociedade para Pesquisas Psíquicas, a famosa SPR. Publicou um folheto sob o título: “Spiritualism Scientifically Examined with Proofs of the Existence of a Psychic Force” (1872). Publicou, também, um bem elaborado trabalho intitulado: “What Am I?” (1874).

Das experiências de Crookes resulta que a simples imposição das mãos é bastante para anular o peso dos corpos ou para aumentar. Balanças, dinamômetros de toda a espécie deram sempre resultados idênticos. Tudo leva a crer, como diz W. E. Cox, que existe uma força que procede do sistema

nervoso do médium, sob os influxos da ação espiritual. A imposição das mãos do médium por cima de uma balança de que o astrônomo M.H. Hugins (que também trabalhou com W. Crookes) se encarregou de examinar, permitiu-lhe verificar por várias vezes importante aumento de peso.

Foi Crookes que chegando a desconfiar dos dinamômetros e das balanças, imaginou experiências bastante características. Uma tábua foi colocada em equilíbrio sobre um pé. Pela simples imposição das mãos do médium, notou-se que segundo as ordens que se iam, a tábua elevava-se e baixava ou ficava em equilíbrio do lado onde estava o médium, enquanto a outra extremidade dessa tábua estava carregada de fortes pesos.

William Crookes dedicou-se, depois, a observar os movimentos dos corpos pesados a uma certa distância do médium. E a série de fenômenos que costumam designar-se por deslocamento sem contato.

Sob a influência do médium, mesas, cadeiras, móveis saem de sua imobilidade e caminham, geralmente, em cadência e seguindo um movimento acelerado. Registraram-se numerosos exemplos, que são corroborados pelas experiências da Sociedade de Dialética de Londres e por todos os pesquisadores espíritas.

Uma mesa redonda, das que os franceses chamam Guéridom, passou três vezes pela sala. Crookes, por sinal, refere-se a uma mesa de jantar de mogno, muito pesada, que elevou no ar, por várias vezes, em plena luz do dia, e sem nenhum contato humano ou mecânico. Experiência ainda extraordinária, segundo os pesquisadores, é o elevar-se um corpo humano em plena luz. A dúvida neste caso é impossível. De uma vez, uma senhora que estava sentada em uma cadeira sentiu-se levantada alguns centímetros do solo.

Criogênese - A Mumificação da era Moderna (31/07/1999)

Será que a ciência pode, realmente, vencer a morte? Esta é, por sinal, uma antiquíssima aspiração humana. Ao correr do tempo, vários e infrutíferos expedientes foram levados a efeito, mobilizando magos, bruxos e feiticeiras. Nada se conseguiu. Elixires, fontes de juventude, recursos alquímicos, e a busca do lendário “Santo- Graal”. O que se conseguiu, no final das contas, foi a renovação fisionômica mediante cirurgia plástica. Mas, não se pense que os reveses e frustrações levaram o homem a desistir de seus anseios atávicos de imortalidade... na carne! De jeito nenhum; ele permanece - alimentando essa esperança, com tenacidade e extraordinária perseverança, dando cabal testemunho de sua descrença nos princípios imortalistas, na reencarnação e, sobretudo, na Lei Natural, que lhe rege, silenciosa e eficazmente, a vida moral.

A bruxaria dos tempos modernos, baseada na cibernética e na biotecnologia, procura revitalizar as expectativas de “imortalidade corpórea” do homem de antanho. Corpos inanimados, em seus sarcófagos (cápsulas de alumínio), já se encontram mergulhados em nitrogênio líquido, preparados para voltar à vida. Os cadáveres ficam de cabeça para baixo, de dois em dois anos, no interior dessas grandes cápsulas, a 164 graus abaixo de zero. Há outros menores, onde estão mergulhados apenas cabeças.

Eis as declarações do presidente da Fundação Alcor, em Riverside (Califórnia), Carlos Mondragón, de origem espanhola, ao enviado especial de “Ano Zero”, revista da Editora Ano Zero, RJ, setembro de 1991:

“Estamos em desacordo com a definição de morte proposta pela medicina oficial. Hoje em dia, decide-se que alguém está morto quando seu corpo está tão danificado que já não funciona. Decidimos que isto não é suficiente, porque a cada ano aumentam as possibilidades de devolver à vida alguns desses corpos. E, além disso, as pessoas que temos aqui na

Alcor, provavelmente não estão mortas...”

O entrevistador considerou assombrosa a declaração de Carlos Mondragón. É, realmente, para causar assombro. Será que os mecanismos da existência deverão ficar a critério de indivíduos que negam, sem exame, os princípios naturais da imortalidade e da reencarnação? Não se trata, evidentemente, de questão de ordem religiosa (as religiões ocidentais negaram esses princípios), nem tampouco filosófica. Trata-se, por outro lado, de Deus na sociedade futura, onde a “ressurreição” expressões fundamentais da própria existência, percebidas e cultuadas desde remotíssimas eras, e que se consolidaram ao perpassar dos milênios, no seio das mais sofisticadas e talentosas civilizações.

Mas, voltemos às declarações do ilustre presidente da Fundação Alcor:

“A definição que usamos para a morte não está baseada na interrupção das funções vitais, mas na manutenção ou não das estruturas; e isto é assim, porque eu e você somos compostos dos mesmos tipos de átomos e esses átomos podem ser trocados. Se é este o caso, o que é que distingue você de mim? Simplesmente, a informação que configura esses átomos. Enquanto existe essa informação, haverá alguma esperança para os nossos pacientes”.

Teria sido sumamente esclarecedor que Carlos Mondragón informasse como chegou à conclusão de que ele e o repórter (poderia, pelo sentido da expressão, ser qualquer outra pessoa) eram compostos dos mesmos tipos de átomos, e que esses átomos poderiam ser trocados (!)

Adiante, o pesquisador da Alcor prossegue nas suas estranhíssimas declarações:

“Ainda que nossos pacientes (cadáveres) estejam danificados de tal forma que não possamos ressuscitá-los agora, este dano não é tão grande que impeça a reconstrução das células danificadas com a ajuda de um microscópio eletrônico. Se parte da informação for apagada ainda o que sobra é suficiente para deduzir o resto, da mesma forma que um arqueólogo pode recompor um vaso a partir de um pequeno fragmento. Só desistimos quando a informação está completamente destruída como poderia ser o caso de um cérebro destruído em um acidente de carro”.

Não julguem os leitores que o autor dessas linhas é retrógrado, radical, misoneísta; em absoluto! Sabe-se que a ciência vem conquistando significativos espaços, possibilitando tomar a longevidade humana uma realidade. Entretanto, não se leva em consideração, nesses arrojados projetos, o Espírito, o ser imortal, e, muito menos, os valores morais. A verdade é que toda a criogenia, além de ser encarada de uma forma simplista, entende que a criatura humana é um ser-sem-alma, constituído e átomos, que podem ser manipulados. A existência da alma, para essa gente, não ultrapassaria, quando muito, os limites estreitos de especulações filosóficas, atraentes, mas insustentáveis, diante da toda poderosa Ciência.

Na mesma reportagem especula-se sobre o mecanismo do ressuscitamento, previsto para a segunda década do século XXI. Eis um trecho dessa especulação sobre o procedimento a ser adotado: “(...) Uma vez que o sistema circulatório do paciente está livre do gelo, bilhões de computadores do tamanho de uma célula são colocados em posições estratégicas sobre uma rede elétrica de fibras condutoras. Estes computadores interconectados irão fazendo reparos nas células danificadas pelo congelamento, uma por uma.

Passado uma semana todo o gelo já saiu do corpo e do cérebro do paciente... O tetrafluormetano é substituído por outro solvente, e a temperatura

do corpo toma a ser elevada a um grau acima de zero. Os microcomputadores continuam o seu trabalho de fazer reparos em células. Graças à informação contida no ADN de uma célula, novas células serão fabricadas onde sejam necessárias.

Durante vários meses recupera-se o cérebro, até que ele atinja estado saudável. Pequenas mostras de sangue permitem que seja ‘fabricada’ a quantidade necessária. Inicia-se a transfusão de sangue e se devolve ao corpo sua temperatura normal.

Mediante uma descarga elétrica, o coração do paciente volta a funcionar. Entretanto, lhe são ministradas, previamente, drogas necessárias para um retomo, à consciência, gradual e prazeroso”.

Concluimos essas considerações sobre a Criogênese com as palavras de Ralph Whelan, administrador da Fundação Alcor:

“Vou me criogenizar porque a criogenização é um meio de alcançar a imortalidade e eu quero ser imortal”(!)

Perguntado sobre que lugar ele previa para determinaria novas condições sociais, respondeu:

“Há lugar, embora eu não veja nenhuma necessidade de Deus”...

Dir-se-ia que o homem vencendo a morte, tornando-se imortal ainda em vida, não mais precisaria de Deus. Guardadas as devidas e naturais proporções, seriam esses cientistas da Criogênese a reencarnação daqueles Espíritos que, nas civilizações remotas (em que se destaca a egípcia) dedicaram-se á especiosa técnica de embalsamento de cadáveres, imbuídos de um estranho e delirante anseio de imortalidade?...

“Eternamente jovem” (Forever Young) é uma das mais recentes produções cinematográficas de Hollywood, nesta década de 1990. O filme mostra como, em 1939, um piloto de testes, aéreos, Mel Gibson, no auge de sua carreira, e com o mundo a seus pés, apaixonadíssimo por sua namorada, passa por um grande trauma ao vê-la atropelada e morta quando saía de um restaurante. A fama, o dinheiro, o poder, nada mais tem sentido para o jovem e desesperado piloto. Inconformado e incapaz de entender a complexidade dos acontecimentos trágicos da existência, o piloto se oferece como cobaia de uma extraordinária experiência de congelamento de seres vivos. Hollywood, provavelmente para emprestar maior dramaticidade ao filme, trocou o cadáver (sempre usado em experiências de criogenia) por uma pessoa viva, no caso o desafortunado piloto. Mel Gibson acorda 50 anos depois (1989) defrontando-se com uma realidade de vida completamente diferente daquela dos anos 30...

Enquanto ficção, o tema é extremamente fascinante; todavia, é perigosíssimo quando tenta levá-lo ao terreno escorregadio da realidade!

Os Espíritos Interferem em nossas Vidas? (07/08/1999)

“Os Espíritos não são seres vagos e indefinidos; são seres reais, determinados, circunscritos, que gozam de nossas faculdades e de outras que nos são desconhecidas, porque inerentes à sua natureza”

Allan Kardec

Os Espíritos constituem todo um mundo, toda uma população que enche o espaço, circulam ao nosso lado, envolvem-se em tudo que fazemos e contatam conosco quando estamos, pelo sono, desprendidos de nossos invólucros carnis. Se se viesse levantar véu que no-los oculta, vê-los-amos em redor de nós, indo e vindo, seguindo-nos, ou nos evitando, segundo o grau

de simpatia; uns indiferentes, outros ocupados, quer consigo mesmos, quer com os homens aos quais se ligam, com um propósito mais ou menos louvável, segundo as qualidades que os distinguem. Numa palavra, veríamos uma réplica do gênero humano, com suas boas e más qualidades, com suas virtudes e vícios.

Esse acompanhamento, ao qual não podemos escapar, porque não há recanto bastante oculto para se tomar inacessível aos Espíritos (especialmente durante o sono, quando participamos, de modo natural, de sua esfera de existência), exerce sobre os humanos uma influência permanente, a mais das vezes obsessiva. Muitas vezes as nossas determinações são resultados de suas sugestões; felizes àqueles quando têm juízo suficiente para discernir o bom e o mau caminho por onde os procuram arrastar.

Dado que os Espíritos são apenas os próprios homens despojados do seu invólucro grosseiro ou almas que sobrevivem aos corpos, segue-se que há Espíritos, desde que há seres humanos no Universo. “São” - como bem afirmou Kardec - “uma das forças da Natureza”.

Inferre-se que os maus Espíritos aparecem onde alguma coisa os atrai; encontram receptividade no meio onde se apresentam. Entre as causas dessa atração, colocam-se, em primeiro lugar, as imperfeições morais, de toda a espécie, e a credulidade excessiva, denunciadora de perigoso fanatismo. Assim, vemos pessoas honestas e sinceras em seus propósitos serem envolvidas por Espíritos velhacos, enganadores, como acontece no mundo com as pessoas decentes, ludibriadas pelos patifes. Mas, quando se adotam sérias e equilibradas precauções, os Espíritos embusteiros desistem de seus nefastos intentos. E o que acontece também com os Espíritos. Quando uma pessoa honesta é por eles enganada, pode sê-lo por dois motivos: o primeiro é a confiança absoluta, que a leva prescindir de todo o exame; o segundo é

que melhores qualidades não excluem certos lados fracos, e dão ensejo ao assédio desarmonizante dos Espíritos. Não falamos do orgulho, da ambição e das paixões; falamos de uma certa fraqueza de caráter que esses Espíritos são hábeis em explorar, levando as suas presas à dependência psíquica, cujas conseqüências são profundamente desastrosas.

O corpo sutil da alma

A idéia da existência do perispírito remonta à antigüidade. Os sacerdotes egípcios chamavam “Ka” a esse envoltório fluídico da alma. Figura, também, na Bíblia com a denominação de “nephesh”. Lê-se, no Gênesis (Cap. II, Versículo 7), na tradução dos hebreus:

“O Senhor Deus uniu a seus órgãos materiais (do homem) a alma inteligente (ou eu) ‘nichema’, inspirando o sopro da vida, Tuach’ (que a segue em todas as vidas) e o traço de união da alma e do corpo grosseiro foi um sopro vital: ‘nephesh’”.

A distinção dos três elementos constitutivos do corpo é também encontrada no livro de Job (Cap. XXVII, Versículos 2 e 3) da Bíblia hebraica:

“E Deus diferiu o julgamento do culpado, afligindo-o no seu Espírito terrestre (nephesh), porque a alma (nichema) está eternamente unida ao Espírito divino (ruach)”.

No livro de Isaías (Cap. LVII, Versículo 16), onde se encontra o emprego simultâneo das mesmas expressões:

“A alma sairá de minhas mãos e eu lhe darei um ‘nephesh’ que a unirá ao corpo na sua encarnação”.

Na Grécia, Hesíodo fala no corpo fluídico, quando descreve a vida

futura das almas. E os hinos órficos aludem às almas envoltas num corpo etéreo impregnado das manchas horrendas de todas as faltas cometidas, sendo necessário, para apagá-las, que elas retomem à Terra.

O perispírito é o “linga-sharina” dos hindus, o “kaleb” dos persas, o “akasa” dos brâmanes, o “ochema” dos gregos, o “enormon” (Hipocrates), o “carro sutil da alma” (Pitágoras), o “mediador plástico” (no sistema de Cudworth), o “organismo sutil” (Leibnitz), o “influxo físico” (Euler), o “corno aromai (Founder), a “idéia diretriz” (Claude Bernard), o “corpo sidério” (Paracelso), o “somod” (nas investigações de H. Baraduc), o “somatoid” (de Plantão, no Fedon), o “meta-organismo” (Heillenbach), o “fluido nervoso” (da vidente de Prevost), o fluido magnético” (Mesmer), o “azoth” (dos alquimistas), o “corpo psíquico (de Dupruy), o “corpo metafísico) (Carl du Prel), o “duplo etéreo” (do teósofos e de Fichte), o corpo glorioso” (conhecido dos cristãos primitivos).

Há outros sinônimos - veículo etéreo, invólucro fluídico, corpo magnético, corpo mágico, fantasma sideral, dupla personalidade, corpo transcendental, corpo radiante, corpo da ressurreição, corpo luminoso, corpo sutil, corpo brilhante, corpo fantástico, psicossoma, corpo vital, corpo astral.

Nas páginas deste livro* você, leitor, encontrará vasto material sobre o que é o perispírito, suas funções, propriedades e importância fundamental para o Processo da Vida, em suas específicas dimensões...

* “Perispírito-Natureza, Funções e Propriedades (Ed.Mnêmio Túlio-São Paulo-1998)

[O Perispírito e a Transcomunicação \(14/08/1999\)](#)

O registro fotográfico de Espírito é, sem dúvida, uma das mais

objetivas provas da sobrevivência da alma. Na modernidade, porém, surge um outro e importante processo que se consubstancia no contato instrumental com os mortos. A utilização de aparelhos (rádio, TV, computadores e secretária eletrônica) para contactar com os seres do além, assumiu, nestes finais de século e de milênio, papel preponderante na vida de investigadores de variadas tendências: médicos, psicólogos, hipnoterapeutas, psiquiatras, ministros e padres, todos desejando desvendar, através da tecnologia moderna, os mistérios que envolvem, desde eras perdidas, a sobrevivência da alma.

Os projetos então postos em prática, especialmente a partir de 1970, objetivavam, primordialmente: - Uma abordagem interdisciplinar livre de algemas e do conhecimento limitado de todas e quaisquer ciências, dando-lhe liberdade para seguir além das limitações da presente visão do Mundo.

- Ela permite explorar as dimensões “não físicas” do homem: o duplo (perispírito) e os complexos campos de energia que formam, interpenetram e controlam a função de cada órgão componente do corpo físico.

O Vidicom

Em Luxemburgo (grão-ducado), pequeno país da Europa Ocidental, há um casal que se denomina “Mr. E Mrs. - F” (Harsch - Fischbash), e que algum tempo se dedica ao Sistema EVP (captação de vozes dos desencarnados, por meio de gravadores eletrônicos, em fita magnética), foi orientado por um Espírito que se denomina “Tecnician”, a conseguir imagens projetadas do mundo espiritual. O método prescrito é o seguinte: Usam-se um aparelho de TV branco e preto, sintonizado em um canal livre. Desse modo, no vídeo só aparece o clarão branco de fósforo ativado, da parte interna do tubo. Com uma câmara videocassete, filma-se, durante

algum tempo, o vídeo assim luminoso. Posteriormente, passa-se lentamente a fita do videocassete. As imagens surgem rapidamente, como um instantâneo em certos trechos da fita. Quando aparecem durante a revelação, são fotografadas com uma câmara comum. Foi recomendado o uso de um sistema para contagem do tempo e que se intercala entre o vídeo e a lente da câmara de videocassete. Desse modo, ficam marcadas com os números da cronometragem, em minutos, segundos e centésimos de segundo.

A entidade espiritual “Tecnician” tece as seguintes considerações sobre o processo de produção dessas fotos:

“Elas (as fotos) são o que denominamos “test shorts” (instantâneos de prova) - fotografias montadas em um laboratório situado onde deveria chamar-se de “Plano Astral Superior” (...) Mas todas essas fotos são de certa maneira feitas para aparecer no fósforo ativado da superfície interna do tubo de imagens da TV - e aparentemente sem a imagem estar sendo projetada pelo canhão de elétrons da parte traseira do tubo (vide “Unlimited Horizons”, Summer, 1987, obra citada pelo engenheiro Hernani G. Andrade, em uma série de artigos, sobre a Transcomunicação, publicados pela “Revista Internacional de Espiritismo - RIE).

Parábola dos Carreiros (14/08/1999)

Na “Revista Internacional de Espiritismo”, do mês de março de 1951, número 2, ano XXVII, se insere interessante artigo de autoria do jornalista Odilon Negrão, que dirigiu, por algum tempo, a Revista “O Revelador” (fundada em 1933), órgão do Departamento de Propaganda da antiga “União Federativa Espírita Paulista”.

Eis o título do referido artigo:

“Parábola dos Carreiros”, que, segundo o autor, integra um dos Evangelhos considerados (pela igreja) apócrifos, atribuído a Nicodemus, cujo teor transcrevemos a seguir:

Jesus e seus discípulos iam por uma estrada, em demanda de determinada povoação. Chovera na véspera e a lama se afundava nos caminhos da paisagem sombria. Mestre e apóstolos caminhavam em silêncio. Ele, amargurado com os espetáculos da velha incompreensão humana; eles procurando adivinhar-lhe a causa da amargura. Em certo trecho da estrada, onde a terra era mais negra, jazia, enterrada na lama, uma carreta. À margem, sentado numa pedra, o carreiro, humilde e triste, deitava, às vezes, os olhos para os céus rogando a Jeová que operasse o milagre de safá-lo daquela situação embaraçosa.

Jesus cumprimentou o homem e seguiu a sua jornada. De novo, como chumbo, o silêncio caiu sobre os andarilhos.

Mais adiante, também onde a terra era mais negra, outra carreta se achava enterrada na lama. E o carreiro, ao contrário do colega humilde e triste, blasfemando e ganindo impropérios, lutava desesperadamente, com as forças, para livrar a carreta do atoleiro.

Jesus, então, dirigindo-se aos discípulos, convidou-os a que auxiliassem o carreiro a libertar o veículo, cujas rodas estavam sepultadas no lamaçal até o eixo. Os apóstolos obedeceram ao Mestre. Arrebanhando os mantos de pano pobre, enterrando os pés no atoladouro pegajoso e mole e à força de braços e de berros, conseguiram libertar a carreta. E depois dos agradecimentos engrolados do carreiro, enquanto os apóstolos se refaziam do esforço muscular despendido e se limpavam do barro que lhes sujava as vestes e pernas nuas, Pedro aproximou-se de Jesus. E falou ao Rabi, entre acanhado e triste:

- Mestre! Não entendo o vosso gesto!

Jesus, sereno, fixou-lhes os olhos mansos.

- Por que Céfa! Diga o que sente!...

E o rude pescador, mais encorajado pelo convite, prosseguiu:

- Há pouco, encontramos na estrada um pobre e humilde carreteiro, que olhava tristemente para a sua carreta atolada na lama. O Mestre saudou-o, apenas, continuando a jornada...

- Sim. Continue, Céfa! – pediu Jesus.

- Agora, vimos um bruto, um estúpido, um verdadeiro selvagem nas mesmas condições. A sua revolta era patente e as suas palavras ofendiam ao nosso Deus e vosso Pai. E o Mestre, não sei porque, pediu-nos que ajudássemos o bruto a libertar acarreta...

Fez-se um longo silêncio. E como Jesus, absorto, baixara a cabeça, Pedro insistiu:

- Por quê? Por que essa diferença de tratamento, Mestre?

E o Cristo, tomando nas suas, as mãos calejadas do velho pescador, disse em voz alta, para que todos ouvissem:

- E que meu Pai, Pedro, está com aqueles que porfiam...

Deixemos que os leitores tirem as suas conclusões dessa luminosa lição legada pelo Cristo, respaldada, como toda a Sua Mensagem, nos próprios sentimentos e caracteres humanos...

O Primeiro Laboratório de Pesquisas Espíritas (21/08/1999)

Através da História, não são raros os indivíduos que têm sofrido a calúnia e a insolência da sociedade, por se dedicarem à causa espírita. Entre estes, podemos citar Jonathan Koons, que foi insultado e difamado injustamente pelos fanáticos das doutrinas dogmáticas.

De possuidor de próspera granja, vivendo uma tranqüila existência juntamente com a esposa e 8 filhos, vê-se martirizado moral e materialmente. Sua casa é invadida por comissões criadas arbitrariamente e estas o submetem às maiores humilhações, numa tentativa vã de provar que os fenômenos produzidos nas sessões do seu grupo familiar eram fraudulentas. Entretanto, seu sacrifício não foi em vão, pois os trabalhos ali realizados em colaboração com os Espíritos são considerados um marco na História dos fenômenos espíritas.

O primeiro laboratório de pesquisas espíritas do mundo foi construído em Atheus County, município de Dover, Estado de Ohio, nos Estados Unidos, por Jonathan Koons, sob ordem e orientação dos Espíritos que, através do seu filho Nahum, de 18 anos, traçaram os planos e desenhos, inclusive de uma sala especial para experiências.

Neste laboratório espírita foi obtido, pela primeira vez nos anais do espiritualismo moderno, o fenômeno da escrita direta. A Segunda ocorreu no ano de 1850 na casa do senador para o distrito de Rhode Island, James F. Simmons.

Foram os membros da família Koons que construíram, segundo os esquemas e desenhos dos guias espirituais, pela primeira e única vez na História do Espiritismo, um aparelho para detectar e localizar a força e o ponto magnético dos médiuns e assistentes participantes das reuniões

mediúnicas, inclusive do ectoplasma, elemento indispensável para produção de efeitos físicos, emanado do médium.

O aparelho, segundo descrições da época, era composto de elementos de cobre e de zinco dispostos de maneira complicada. Graças a esse acumulador de ectoplasma, os Koons conseguiram notáveis fenômenos psíquicos. Os desenhos do aparelho foram publicados numa revista da época “The Spiritual Clarion”, mas, infelizmente, perderam-se.

Os Espíritos mentores da família Koons, deram, também, a receita de uma solução fosforescente para ser colocada sobre a mesa mediúnica, para que as mãos materializadas dos Espíritos presentes pudessem mergulhar nela, tomando-se visíveis em todos os seus movimentos.

Os Espíritos conseguiram, utilizando recursos mediúnicos dos Koons bem como dos aparelhos construídos sob sua orientação e da câmara espírita, realizar fenômenos notáveis de efeitos físicos, onde se destacam os concertos espirituais dados no fim das sessões e acompanhados por um coro de vozes do além, descritos ambos como inesquecíveis pelos que participaram do grupo.

Enfim, o que é importante ressaltar, é que a família Koons deixou um exemplo de dignidade no exercício mediúnico dos mais expressivos na História do Espiritismo. Soube seguir as diretrizes morais que os Espíritos mentores lhe indicavam. Mesmo sofrendo perseguições e sofrimentos inenarráveis somente porque se dedicavam ao intercâmbio mediúnico, os Koons comportaram-se com alto espírito missionário só encontrado nas almas superiores que conseguem manter equilíbrio neste mundo dê provas e expiações.

O Sonho e a Realidade (28/08/1999)

A idéia de uma possível realidade fundamental dos sonhos atingiu muitos pensadores.

“Durante o sonho” - disse Heráclito de Éfeso - “cada um de nós retorna à sua verdadeira natureza”, o filósofo Tchuang - Tsé (369 - 386 a.C.) despertando, após sonhar que era uma borboleta, perguntou: “Sou Tchuang-Tsé?”

O filósofo francês Blaise Pascal (1623-1662) afirmou: “Além da própria fé, ninguém pode estar seguro de estar desperto ou adormecido. Quem sabe se, quando pensamos que estamos despertos, estamos na realidade adormecidos, e que desse sono saímos quando dormimos?”

O pensador francês René Descartes (1596-1650) partilhava dessa opinião e proclamou estar “totalmente consciente de que não havia nenhum sinal que permitisse distinguir o estado de vigília do estado de sono”.

Shopenhauer (1778-1860), por seu turno, indagava: “Existe um critério para distinguir o sonho da realidade?”

Immanuel Kant e Sir Thomas Brown, acreditavam que a atividade da alma durante o sono expressava-se nos sonhos.

Emerson escreveu: “...se considerarmos o que acontece nos sonhos, podemos captar muitas indicações que ampliarão e esclarecerão nosso conhecimento sobre o segredo da Natureza”.

Em seu livro “The Forgotten Language”, Erich Fromm, admite que: “o pior do que tudo é o fato de não entendermos nossos sonhos quando, na vida vigil, temos certeza de compreender tudo aquilo que nos venha à mente.

Ao invés de enfrentarmos tão esmagadora prova das limitações de nossa compreensão, preferimos acusar os sonhos de não fazerem sentido”.

Edgar Cayce ensinava que o primeiro passo para estimular a recordação dos sonhos é dizer a si mesmo, todas as noites, pouco antes de adormecer: “Vou recordar meus sonhos”.

Um bloco de notas, e um lápis devem estar sobre a mesa de cabeceira. Isto ajudará a mente subconsciente a despertar a mente consciente (pararegistrax), no momento em que for concluído um sonho importante. Em seguida o “profeta adormecido” relaciona uma série de importantes benefícios decorrentes dos sonhos:

- a) Compreender a si mesmo e enfrentar-se;
- b) Como orientação prática para o corpo e o Espírito;
- c) Estímulo à criatividade;
- d) Como registro de experiências psíquicas;
- e) Experiências em outras dimensões;
- f) Lembranças de experiências de vidas passadas;
- g) Desenvolvimento de sua natureza espiritual;
- h) O mais importante de tudo: aumento da capacidade para servir ao semelhante, por meio de melhor compreensão de seus problemas e processos de pensamento.

G.I. Gurdjieff enunciava que a maior parte das pessoas não está desperta e que, para ela, a vida é um verdadeiro sonho. Existe apenas um punhado de pessoas que estão realmente despertas.

“Os homens” - sentenciava Gurdjieff - “dormem caminhando”.

Os Processos Vitais e Determinantes da Morfogênese

(11/09/1999)

A reencarnação é, e será por longo tempo, uma questão em aberto e assaz controvertida. Deve-se admitir, porém, que os dados até agora coligidos são suficientes para demonstrar a realidade palingenésica. Afinal de contas, o acaso (a que se atribui a origem da vida) é apenas uma tese formulada à revelia das leis que regem o mecanismo existencial. A propósito, é oportuno registrar, aqui, a opinião do Prof. Edward Conklin, biólogo da Universidade e Princeton, nos Estados Unidos:

“A probabilidade da vida ter-se organizado por acidente é comparável à de um dicionário completo resultar de uma explosão numa gráfica”.

A opinião do Dr. Conklin é compartilhada por outros cientistas, muitos dos quais concordam que o ser humano é uma das mais ambiciosas experiências da Natureza e que faz parte integral da organização universal. Como o Universo é produto da organização e não do acaso, seus campos regulam tudo que nele existe, incluindo o ser humano, que está sujeito às suas leis e participa de sua finalidade. Edward Wriothesley Russel, em sua obra “Reencarnação, o Mistério do Homem”, ratifica as concepções do Prof. Conklin e acrescenta:

“O ser humano não é uma relação atômica accidental, nem o resultado de um ensopado cósmico de proteínas, cozido por raios da Terra”.

Nossos corpos são o produto de uma organização, e tudo que é organizado foi previsto e tem uma finalidade. O homem é, pois, controlado por um campo organizador eletromagnético, que E. W. Russel rotulou de campo L (life). A existência desse campo - que é invisível - já foi cientificamente comprovada por meio de instrumentos e testes repetíveis,

que mostraram, também, o que faz e como se conduz. O crédito cabe a dois cientistas americanos, os Professores Haroldo Sexton Burr e F. S. Northrop, ambos da Universidade de Yale.

Em seu livro “Blue-print for Imortality”, H. S. Burr afirma que, utilizando voltímetros para medir campos eletrodinâmicos em seres vivos, comprovou a existência desse campo, o resultado de processos vitais mais determinadores da morfogênese e, portanto, das consequências funcionais da estrutura induzida. Esse campo atua na modelação e no funcionamento dos seres vivos: entre outros, sementes, árvores, bactérias, células, animais etc.

É óbvio admitir que, destarte, tais campos já existiam antes do início da organização do embrião no útero, e não há razão nenhuma para acreditar que desapareçam quando o corpo físico morre.

Ainda conforme as deduções de Edward Wriothsley Russel, se o novo corpo físico necessita de um campo eletromagnético L para organizá-lo, os nossos pensamentos, sentimentos, memórias, etc., não precisariam de algo semelhante? Segundo Russel, a transmissão do pensamento mostra que este tem propriedades semelhantes à de um campo: reage a outros pensamentos, atua à distância, atravessa obstáculos de toda a natureza e é tão sensível que, quando é hostil, muitas vezes consegue destruir as experiências sensíveis do fenômeno mental, que faz com que a mesma facilidade com que a luz vela um filme fotográfico.

Os Senois e o Controle dos Sonhos (18/09/1999)

Em 1935, Kilton Stewart conheceu os Senois, tribo da península Malaya. A partir daí, seriam ampliadas as concepções até então vigentes sobre os sonhos. Os silvícolas vivem em habitações comunitárias, e sobrevivem graças a um razoável sistema agrícola, da caça e da pesca. A

organização social dos Senois é peculiar - as decisões mais importantes da tribo ficam sob a responsabilidade de um chefe espiritual, uma espécie de curandeiro e educador: o “To-hat”.

Não havia registro, entre os Senois, nos últimos três séculos de crimes violentos ou conflitos comunitários. As suas relações sociais atingiram um alto grau de estabilidade que impressionava os poucos vizinhos. Entretanto, o domínio maior e assombroso dos Senois é no campo vastíssimo e complexo dos sonhos. Consideravam que o homem, em seu processo de adaptação, cria as imagens dos sonhos a partir do que vê no mundo exterior. Essas imagens, às vezes, levam-no a vivenciar situações conflituosas com ele mesmo e com o resto do mundo. Se permitir que os sonhos evoluam por si, terminarão por criar tensões e dissociações na personalidade do sonhador, o que lhe causaria angústia ou doença. Eis porque os Senois pensam que todo o ser humano, com a ajuda de outros seres humanos, pode e deve enfrentar, controlar e utilizar a seu favor todas as forças do universo dos sonhos. Com a cooperação entre os integrantes do grupo é possível penetrar esse universo onírico, modificando-o conforme reza o interesse comum.

O treinamento tem início na infância. Quando uma criança relata aos adultos que sonhou estar caindo perigosamente de uma grande altura, ouve a seguinte resposta:

Isso é maravilhoso! É um dos melhores sonhos! De onde você caiu? Descobriu alguma coisa?

A criança responde que não sabe porque sentiu muito medo. Os adultos dizem, então:

“Não se rebele. O cair pode se transformar em voar se você relaxar, e você pode entrar em contato com o mundo dos Espíritos. Relaxe e tente

chegar a um entendimento com eles. Quando você sonhar que está caindo ou morrendo, pense que está recebendo poderes que surgem de você mesmo e que por isso, poderão ser controlados”.

Essas instruções podem parecer sem nenhum sentido para os ocidentais; todavia, a criança Senois começa a transformar, dia-a-dia, os seus sonhos de queda em alegres e liberadores sonhos de vôo...

Se os sonhos (entre os adultos) têm conteúdo sexual, não deverão ser interrompidos - devem atingir o orgasmo. Após, deve-se pedir ao companheiro ou à companheira que, ensine um poema ou uma canção. Algo que seja de utilidade espiritual para o grupo, com o qual a experiência onírica será compartilhada no dia seguinte.

As experiências desenvolvidas, naturalmente, pelos Senois, são notáveis. Tudo leva a crer que é o único grupo social a conduzir-se dessa forma tão singular, consolidada através do tempo. Como esse povo, vivendo, primitivamente, chegou a esse extraordinário ente-de-razão sobre os sonhos, controlando-os com inusitada sabedoria?

[A Casa de Todos os Caminhos \(25/09/1999\)](#)

O Centro Espírita é a casa de todos os caminhos. Ali chegam pessoas oriundas de todas as camadas sociais, portadoras de todos os sofrimentos. É uma mãe que traz o filho adolescente presa do tóxico; são os casos angustiantes de obsessão, muitos atingindo os umbrais tenebrosos da loucura. E vêm, essas criaturas, abatidas, acabrunhadas, desesperançadas. A maioria já bateu em outras portas. Poucos ainda alimentam uma chamazinha de esperança. Há os que aportam ao Centro Espírita sem quaisquer motivações - foram levados por alguém, que talvez lhe tivera sussurrado ao ouvido - “Se não fizer bem, pior do que está não há de ficar”. E, “Quem se encontra

perdido, todo mato é caminho”...

Quantos, porém, não sufocaram, no íntimo, as suas convicções, as suas descrenças (e crenças), submetendo-se ao tratamento desobsessional? Chegam amuados, irritados, e não querem ouvir nada e ninguém. Estão ali a contragosto; se pudessem, jamais pisariam os pés numa casa espírita. Há até quem fale em “violentação”, como uma determinada pessoa, de nível superior, adepto do marxismo, tomada de insidiosa obsessão; o fato de se encontrar num Centro Espírita, levava-a ao desespero. Hoje, graças a Deus, ele está trabalhando, satisfeita da vida, em um Centro Espírita, atendendo com muito carinho, os seus irmãos (encarnados e desencarnados), presas da dor e do sofrimento.

No caso dessa companheira de ideal, não houve vencido nem vencedor. Ela, por sinal, após longo e sacrificial trabalho de terapia, de reequilíbrio, pôde, um dia, conversar com o seu “algoz”. A conversa foi longa e cheia de lances de pura angústia, de ambos os lados. Deixamos que tudo assim acontecesse, com o respaldo (naturalmente) dos Espíritos coordenadores do trabalho. Ambos, na verdade, se reencontravam, naquele momento, tête-à-tête. Eram velhos conhecidos do passado. A história daqueles dois seres é das mais escabrosas. Não há permissão para contar. Mas, uma grande lição para todos quantos participaram da tarefa desobsessional. Não se quer dizer que um e outro saíram da trama, que eles próprios teceram, livres e desembaraçados. Não! Eles teriam de dar início a um processo de verdadeira reabilitação moral, diante da misericordiosa lei divina. Eles sabiam disso, ou, pelo menos, passaram a saber, a partir do instante em que puderam estabelecer contato direto. Foi, sem dúvida, um dos casos mais sérios de que tivemos notícia, e demonstrou, inquestionavelmente, que tudo é regido por leis severas, inquebrantáveis, mas que sempre ofereceram renovadoras oportunidades aos seus infratores. E, de quebra, deu-

nos (a todos) mais um eloqüente testemunho da imortalidade da alma...

Confidências de um Psiquista (02/10/1999)

Por volta de 1884 fundava-se, em Boston (USA), a Sociedade Americana para Pesquisas Psíquicas, por iniciativa de um grupo de pesquisadores em que se incluía o psicólogo e professor William James (1842-1910). A Sociedade objetivava “o estudo sistemático das leis da natureza mental”. Criaram-se, de início, cinco comissões de estudo: transmissão de pensamento, aparições, casas assombradas, hipnotismo e fenômenos da atividade do médium.

Em 1888, a Comissão relativa à transmissão de pensamento apresenta à apreciação da Sociedade o seu relatório sobre as experiências em estudantes da Universidade de Harvard pelo professor William James. O relatório suscitou acerba polêmica, chegando a se levantar a hipótese de fraude. Esse revés não abateu o ânimo do ilustre pesquisador. Mais tarde, teria a oportunidade de examinar, minudentemente, casos extraordinários de transmissão por escrita automática, tendo como protagonista a médium norte-americana Leonore E. Piper, pesquisada pelo Dr. Richard Hodgson, professor James H. Hyslop, Sir Oliver Lodge, Dra. Mildred Sidgwick (presidente da Sociedade para Pesquisas Psíquicas, de Londres), professor Charles Richet (Prêmio Nobel de Medicina) e pelo professor Frederic Myers (autor da magnífica obra “Human Personality and its Survival of Bodily Death”). Afirma-se que o professor William James foi, não apenas o introdutor da médium no mundo fantástico da ciência psíquica, mas também se constituiu no orientador e amigo da Sra. Piper. Em 1897, já conhecido pela publicação de seus “Princípios de Psicologia”, William James lança o livro sob o título “A Vontade de Crer e Outros Ensaios”, uma coletânea de conferências e artigos diversos. Dele extraímos os trechos seguintes, que traduzem o seu

amor pela realidade concreta e fluente:

“Entre os resíduos não classificados, não há nenhum que tenha sido tratado com um maior desprezo científico que o grupo dos fenômenos chamados geralmente místicos. A fisiologia não quer nada com eles. A Psicologia ortodoxa volta-lhe as costas. A Medicina considera-os ‘efeitos da imaginação’ - pura forma evasiva cujo sentido, nesta ordem de idéias, é impossível de precisar. E, entretanto, aí estão apesar de tudo os fenômenos, espalhados em toda a extensão da História”.

Em outubro de 1909, o “American Magazine” estampa um artigo de autoria de William James, sob o título “Confidências de um Psiquista”, onde admite que será através do estudo da fenomenologia supranormal “que conseguirão levar-se a cabo as maiores conquistas científicas da geração vindoura”. A geração, evidentemente, do século XXI, quando temos a certeza, terá início a Era do Espírito...

William James desencarnou aos 26 de agosto de 1910, em New Hampshire, legando à Humanidade opulenta bibliografia.

Auto-Obsessão (09/10/1999)

Afirma o Dr. Alberto Calvo, conhecido psiquiatra paulista que “a auto-obsessão decorre de um processo de polarização mental”.

E justamente a polarização mental que conduz o indivíduo a um estado de condicionamento mental, ou seja, ele se autocondiciona. Basta uma criatura credenciar uma determinada coisa, fixando a sua atenção sobre aquela coisa com persistência, para condicionar o seu pensamento, levando ao processo auto-obsessivo. Esse direcionamento pela prevalência absoluta, evolui para uma polarização da mente. Todo condicionamento gera uma idéia

fixa e leva a pessoa à exaustão das energias biopsíquicas. Há um desgaste muito grande do fluido biomagnético e ao mesmo tempo, o paciente, em face da polarização mental, passa a exacerbar determinadas atividades nos centros cerebrais.

Esses centros cerebrais assim hiperativados, reiteram e morbidamente impedem que a pessoa credencie outras atividades e, dessa maneira, a idéia fixa passa a ocupar todos os espaços de sua mente e passa a ser, conseqüente e tragicamente, a finalidade única e básica de sua existência neste plano de provas e expiações. Daí decorrem os mais graves problemas que giram em torno do sexo desregrado, das depressões estiolantes, dos impulsos suicidas. A vida dessa gente se torna um verdadeiro inferno. Não é raro envolver-se com drogas estupefacientes que nada resolvem, tornando essas infelizes criaturas em verdadeiros autômatos, sem expressão, sem identidade. O único lugar onde e pode realmente realizar um trabalho de fundo terapêutico e antiobsessivo é uma Casa Espírita dotada de condições para o difícil mister. Temos, no Telma, enfrentado situações que tais, com grandes salutareos resultados. A auto-obsessão é tão perniciososa quanto a obsessão propriamente dita. Ambas, às vezes, se identificam, provocando assim, um processo de imprevisíveis conseqüências.

Infelizmente, porém, e aí reside toda a dificuldade, não se acredita, por preconceito ou por questões religiosas, na imortalidade da alma, de seus traumas íntimos, gerados ao longo das vidas sucessivas (reencarnação), nem tampouco que serem imortais (Espíritos) retornem ao plano terreno e pratiquem mil e uma diatribes, propiciando desequilíbrios de toda a ordem e de todos os quilates.

Resultado: a Humanidade sofre, e como sofre! Por teimosia e ignorância!

A Prece, a Fé e a Razão (16/10/1999)

“Pelas asas translúcidas da fé, a prece viaja aos páramos do Espírito.”

“A fé quer homens livres” preconizou Paulo de Tarso aos gálatas, pois a consciência livre enaltece o homem, ao passo que a consciência escravizada o estiola: e o embrutece.

A fé e a coragem que demonstra o Espírito em busca da verdade, que se encontra ele mesmo, nos refolhos da sua essência eterna.

Para que a fé possa resultar em algo de fecundo e verdadeiro, imprescindível se torna que prevaleça, no Espírito, inquebrantável vontade de renovar-se, alimentando a certeza de que os seus esforços não serão inúteis. A fé e a oração andam juntas; ambas se identificam eletivamente de enfrentar têm o poder razão face a face, sem temores, sem pusilaminidade. A fé e a oração encontram, na razão, o fundamento de sua eficácia.

Allan Kardec, com o seu fideísmo crítico, conseguiu, sob as luzes da Verdade, conciliar a fé com a razão, num processo de interação perfeita. Há séculos que se tentava, nos meios religiosos, estabelecer, em vão, esse conúbio entre as duas maiores forças do Espírito. Amalgamadas, a Fé e a Razão vêm possibilitando ao Homem que já atingiu o cume de sua conscientização imortalista e palingenésica, proceder a uma profunda reavaliação de seus valores e conceitos sobre o seu destino e o porquê das dores e dos sofrimentos.

E aquele ser, que, como Paulo, emergiu da poeira da ignorância e reaparece, diante dos seus semelhantes e de sua própria consciência, a caminho da renovação plena, em perfeita sintonia com a Ordem Divina que, silenciosa e suprema rege todo o processo da existência em qualquer latitude

da amplidão cósmica.

Prece, a Fé e a Razão, constituem a sublime dialética do ser Eterno, que, através da História e do Tempo, caminha, resoluto, em busca da “afirmação definitiva de suas legítimas aspirações cósmicas!

O Mestre e a Palavra (23/10/1999)

O Cristo e seus discípulos procuraram a sombra de uma figueira, fugindo do sol que os castigava na empoeirada estrada de Betânia. Os apóstolos olhavam os arredores em silêncio, como esma gados pela intensidade da luz do astro-rei.

Mestre” - disse João, levantando a cabeça cismadora - “qual é a ação que mais nos leva ao mal?”

Jesus traçou com o bordão alguns caracteres na areia, e, com sua voz pura e harmoniosa, respondeu:

- “A Palavra!”

Os discípulos voltaram-se para o Rabi com interesse, que, depois de alguns instantes de silêncio, continuou:

“- E com a palavra mansa e sutil que os sedutores atraem suas vítimas; é com discursos inflamados e cheios de promessas que os demagogos enganam as massas; é em nome da justiça que os tiranos pregam a chacina; é em nome do meu Pai que são desencadeadas as perseguições religiosas; é ciciando nos cantos escusos que os caluniadores tecem a trama do seu ódio, e é, em geral, tendo a praga e a blasfêmia nas suas bocas imundas, que os mais perversos se chafurdam no charco do crime”.

O silêncio voltou à sombra da figueira. O Mestre, retomado o bordão,

recomeçou a desenhar símbolos na areia.

“Mestre” - tornou João, curioso - “e qual é a ação que mais nos leva ao bem”?

Jesus, vagando o olhar pela paisagem inóspita, disse incisivo:

“- Ainda é a palavra. É pela palavra que se consolam os aflitos; é pela palavra que é mostrada a estrada do bem, e pela palavra que se transmitem os conhecimentos, é pela palavra que se obtém o retomo dos transviados; é pela palavra que se perdoa e é pela palavra que falamos com o Pai Supremo através da prece...”

Fez-se silêncio novamente, e, como a luz começasse a declinar e o caminho se perdia no além, o rabi da Galiléia tomou o bordão e se foi, com os discípulos fazer uso da palavra, da palavra que educa, que enobrece, que eleva, que esclarece, a palavra do Evangelho!

O Salmo da Bem-Aventura (30/10/1999)

Bem-aventurado o Homem que venceu as solicitações infecundas do erro, na prática constante e abençoada da virtude.

Ele é como a árvore que, na floresta densa, fixa suas raízes terra a dentro e se eleva em busca da luz generosa e fecundante.

Bem-aventurado o Homem que renuncia às transitórias benesses das glórias terrenas e busca agir conforme os ordenamentos luminosos dos eternos e renovadores princípios cristãos.

Ele é como a ave que da planície ardente desfere o vôo, rumo às alturas insondáveis do firmamento infinito.

Bem-aventurado o Homem que se julga e não julga a outrem, exemplificando. Prudente e judiosa exortação do Cristo, ensinando, assim, que se deve ser severo para com os próprios erros e indulgente para com os erros alheios.

Bem-aventurado o Homem que não espera do ato caridoso paga mais alta que a íntima e doce satisfação de ter cumprido com o seu dever de cristão, consciente de que é dando que se recebe, e é amando o próximo que se vive, em essência, os valores evangélicos.

Bem-aventurado o Homem que não nutre ódio nem rancores em seu coração, e ora pelos que o odeiam e o perseguem, perfumando, como o sândalo, o machado que o fere...

Bem-aventurado o Homem que amalha o pão do Espírito para o distribuir em generoso assomo de legítima fraternidade, aos necessitados de justos esclarecimentos, que consolam e enobrecem.

Bem-aventurado o Homem que não se ofende com os insultos de seus semelhantes. Ele já atingiu um profundo ente-de-razão baseado no conhecimento da natureza humana, presa das paixões que escravizam e entristecem, promovendo a discórdia e a violência.

Bem-aventurado o Homem que põe o trabalho e a honra onde estiver a esmola; que une o amor ao berço e une o berço à escola, e acende uma luz em cada coração!

Bem-aventurado o Homem que faz da dor alheia um elo de amizade. Da cólera dos maus, um culto de indulgência.

A Prece é uma Poderosa Forma de Energia (07/11/1999)

Afirma Alexis Carrel que apreze não é apenas um ato de culto; e, sem dúvida, a forma de energia mais poderosa que o ser humano é capaz de gerar.

A prece marca com os seus sinais indelévels as nossas ações e conduta. Uma tranqüilidade de atitude, um estado efetivo de repouso, que transparece na fisionomia, são geralmente observados em todos que enriquecem de tais forças a sua vida íntima. No insondável recesso da nossa capacidade de entendimento, acende-se uma luz. E a pessoa vê-se a si mesma. Percebe o seu egoísmo, seu orgulho, seus temores, suas cobiças, seus erros. Desenvolve-se-lhe, então, um senso de obrigação moral, de humildade intelectual, e eis que a alma se lança na jornada para reino da graça.

“A oração é uma força tão real” sentencia Alexis Carrel – “como a gravidade terrestre”. E prossegue: “Tenho visto” – na minha profissão de médico - enfermos que, depois de recorrerem sem resultado, a toda sorte de processos terapêuticos, conseguem libertar-se da melancolia e da doença, pelo sereno esforço da prece. E esta, parece-nos, uma força capaz de superar as chamadas leis da natureza. Quando as supera em condições dramáticas, dá-se, de ordinário, a esses fenômenos, a denominação de milagres. Mas um constante e mais discreto milagre se opera todas as horas no coração dos homens e mulheres que descobriram, na prece, um manancial que os alimenta com um fluxo permanente de energias, para a sua vida diária”.

Há quem se limite a ver na prece uma rotina formal de palavras; um refúgio para os tímidos, ou um mero apelo movido pelo desejo de coisas materiais. Conceber a prece nestes termos é menosprezá-la. Bem compreendida em sua essência, a prece é uma atividade amadurecida, indispensável ao pleno desenvolvimento da personalidade - a integração das mais altas faculdades de que é dotado o Espírito. Só na prece realizamos

aquela completa e harmoniosa conjugação de corpo e alma, que dá à fraca argila humana sua solidez inabalável. Quando oramos, ligamo-nos, nós mesmos, à inesgotável força motriz que aciona o Universo. Rogamos que uma parcela dessa força inexaurível se aplique na devida proporção de nossa necessidade. Com o próprio ato de pedir, nossas deficiências humanas são supridas, e erguemo-nos fortalecidos e restaurados.

A prece pode ser feita em toda a parte. Não há atitude exigida, nem hora e nem lugar prescritos.

“Pense em Deus muitas vezes mais do que se respira”, disse Epiceto, o estóico. Deve a prece tornar-se um hábito. Não tem sentido orar pela manhã, e viver como um bárbaro o resto do dia. Aprece verdadeira é um modo de vida, como a vida, mantida com equilíbrio é um modelo de prece.

Não precisamos (à feitura dos místicos), para dirigir-nos à Divindade, dispor de eloquência e verbosidade. O nosso mais leve impulso para a prece é reconhecido por Deus. Ainda que nos mostremos lamentavelmente capazes de dizer uma só palavra, ou que nós entrave a língua, nossas miseráveis sílabas de louvor são aceitáveis por Ele, e as suas bênçãos se derramarão sobre nós, proporcionando-nos um suave sentimento de paz, a paz que falou Jesus.

Hoje, mais do que nunca, aprece é uma necessidade inelutável na vida do homem e dos povos. A rejeição através do tempo, à imortalidade da alma e a sua íntima interação com os planos espirituais superiores, acabou por levar o mundo à borda da ruína moral, fato gerador de dores e inenarráveis sofrimentos.

Orar, não é, apenas um ato de adoração; é, antes, um instrumento maravilhoso de que se deve utilizar para entrar em contato com o seu Criador.

Aprece, finalmente, é refúgio de consolo para o torturado; é divino mistério que, dentro da noite escura das nossas amarguras, acende a estrela radiosa da Esperança!

Premonições de Mortes Acidentais de Acontecimentos Fortuitos (20/10/1999)

Tenta-se invocar para explicar as premonições de mortes naturais - pelo menos quando são próximas - uma espécie de conhecimento sobre o estado orgânico das pessoas cuja morte (ou enfermidade) seja prevista. A premonição de mortes acidentais, pela sua absoluta imprevisibilidade, torna-se impossível fazer-se qualquer tipo de insinuação ou levantar-se suspeição quanto à sua validade.

Em “La Mort e son Mystère”, o ilustre astrônomo francês Camille Flammarion relata o seguinte e histórico fato:

O Capitão de Montluc narra em seus “Commentaires” que previu, em sonho, a morte do Rei Henrique II, mortalmente ferido num torneio de 1559. “A noite anterior do dia do torneio, em meu primeiro sono, sonhei que via o Rei sentado em uma cadeira, tendo o rosto todo coberto de gotas de sangue e não podia descobrir seu mal e nem ver outra coisa senão o sangue no rosto. Ouvia dizer: “Ele está morto”; outros: “Ainda não”. Via os médicos e cirurgiões entrar e sair do quarto... e ao meu despertar, encontrei-me face a face em lágrimas e não pude deixar de chorar muito tempo. Minha mulher procurou confortar-me, porém não posso tomar outra interpretação a não ser de sua morte. Diversos amigos a quem contei o sonho não me levaram a sério. Entretanto, quatro dias depois, um correio chegou de Nérac avisando que o Rei Henrique II sofrerá fatal acidente em Navarra (Espanha).

O prof. Ernesto Bozzano, “Le Phénomènes Prémonitoires” edição

francesa, relata o seguinte:

O Dr. Hayer em Norwalk (USA) sonha que três jovens colegiais de seu Instituto se afogaram e recomenda aos seus alunos grande prudência. No dia seguinte, no momento da partida da criança para um passeio, renova suas recomendações. No entanto, o acidente realizou-se e três crianças se afogaram.

Ainda é o Prof. Bozzano que conta, na obra supracitada:

R. Thoulet, prof. da Faculdade de Ciências de Nancy, então estudante, fora à Itália, a Ricazzano, para ser o auxiliar de um jovem engenheiro francês, Dr. F..., cuja esposa residia em Toulon (França). O Dr. F... e Thoulet dormiam em dois quartos contíguos. De repente, no meio da noite, Thoulet levanta-se entra no quarto do Dr. F... e lhe diz: “O Sr. acaba de ganhar uma filhinha, o telegrama diz...” e se põe a ler um telegrama (imaginário) cujo desenho vê claramente, pois as palavras pouco a pouco se apagam. Algum tempo depois, o Dr. recebia esse mesmo telegrama com as mesmas palavras e o desenho que Thoulet havia tão nitidamente visto num clarão de lucidez. “Não tenho nenhuma prova material para fornecer, diz Thoulet. Se alguém me contasse essa história, eu não acreditaria, mas sou forçado a confessar a mim mesmo que ela é verdadeira”.

A Alquimia (27/10/1999)

A alquimia é muito mais precursora da química. Ela é uma filosofia completa que, segundo os próprios alquimistas, pode auxiliar o homem em sua trajetória rumo à perfeição.

A natureza, conforme os alquimistas, tende a um aperfeiçoamento contínuo. Assim, na visão animista que possuem das coisas, tudo possui um

feminino e um masculino. Entre os animais: o macho e a fêmea. Entre os metais: o caráter doce e maleável do mercúrio filosófico e o caráter másculo e firme do enxofre, combinam-se para dar origem a um novo ser.

O alquimista busca fazer no microcosmo, o trabalho divino da criação no macrocosmo, isto é: conduzir a matéria através da mais pura forma de energia à sua perfeição.

A teoria de Universo concebida pelos alquimistas é encontrada no “Corpus Hermeticum” e no “Discurso de Iniciação” ou “Asclépios”, atribuídos a Hermes Trimegistros.

A alquimia é frequentemente chamada arte. O alquimista era considerado um artista que copiava a criação, sendo a culminância de seu trabalho, chamada a Pedra Filosofal, uma cópia de toda a Natureza, uma síntese que proporcionaria, na sua elaboração, o conhecimento integral do mundo.

A “Pedra Filosofal” - a pedra filosófica ou a quinta-essência, a cor das cores. E essa ‘Pedra Filosofal’ significa o fim do trabalho, o aperfeiçoamento do homem, do mesmo modo que o alquimista e seu laboratório são a mesma coisa, não podem ser separados.

E essa a única e verdadeira condição da alquimia. O que se desenvolve no pensamento tem de ser expresso na ação, e o que foi feito no laboratório também tem de se desenvolver nas emoções. Pensar, trabalhar, agir, a par de reconhecer, experimentar e saber - isso tem de ser, a qualquer momento, uma única coisa.

O ser humano total (íntegro, uno, não separado em partes), desenvolvido através da prática da alquimia, é talvez a possível resposta ao

calamitoso estado em que, atualmente, nos encontramos.

A alquimia é inerente à revolução. Nela tudo é questionado até suas raízes; tudo é experimentado com um único objetivo: o aperfeiçoamento do trabalho e da vida.

No passado, a alquimia adquiriu péssima reputação porque alguns queriam aproveitar-se dela para enriquecer. Pretendia-se transformar lama em ouro. O verdadeiro alquimista, fiel aos princípios da razão e da lógica, faz a sua transformação em ouro no final do seu caminho, para confirmar a sua purificação. O tempo que se precisa para percorrer o caminho é determinado pela força de vontade utilizada e pela obediência às leis durante o percurso. As artes necessárias para levar essa peregrinação a um final triunfante são formadas pelos verdadeiros atributos alquímicos: a arte de separar (técnica de laboratório); arte de viver a vida (reconhecimento da experiência); e arte de completar (reconhecimento através do desenvolvimento).

A alquimia é um instrumento de purificação espiritual, em que o iniciado reconhece suas falhas e fraquezas, e luta, serenamente, para purificar-se.

Entre os livros alquímicos destaca-se o “Tratado da Pedra Filosofal”, de Lambsprinch, que apareceu por volta de 1559, numa edição latina, conquanto a sua origem remonte ao século XVI.

Este é, provavelmente, um dos livros mais importantes da doutrina alquimista. O nome do autor - Lambsprinch, quanto à cabala fonética, significa a Fonte da Juventude.

Eis um trecho do raríssimo Tratado:

“Chamo-me Lambsprinch, de raça livre.

“Compreendi, claramente, a sabedoria e cheguei, pela arte, até o seu fundamento.

“Pois Deus dispensou-me Sua Graça e deu-me o saber com o entendimento.

“Assim, tomei-me autor deste livro.

“Deus, Tu que és o fim e o começo, rogamos por Jesus, o Cristo.

Iluminar nosso senso interior e nossos pensamentos.

“A fim de que celebremos a seus louvores”.

Através de sugestivas figuras, Lambsprinch vai configurando o pensamento doutrinai da Alquimia:

Primeira figura:

Dois peixes nadam no nosso mar: o mar é o corpo. Os dois peixes são o Espírito e a alma (perispírito)

Segunda figura:

“Atente, filho, muito cedo e muito rápido, para a besta negra e feroz da floresta: a putrefação”.

Quarta figura:

“Que de dois leões, seja feito um só: o Espírito e a alma (perispírito) são sempre conduzidos a um corpo”.

[As Crianças e a Precognição Espontânea \(04/12/1999\)](#)

A Dra. Louise Rhine (autora de vários trabalhos sobre precognição)

registrou e arquivou vários interessantes casos de precognição em crianças. Eis algumas dessas surpreendentes manifestações, “que não encontram na ciência” - conforme afirma J. B. Rhine “soluções absolutamente finais de qualquer maneira”:

1º caso - Um menino de Michigan (USA), de Quatro anos e meio, sonhou que uma serpente o havia apanhado e certo dia, encontrou, aterrorizado uma no pátio. Os pais pensaram em simples coincidência, embora desde então não mais o acordassem pesadelos de serpentes depois de terem matado a que apareceu. Todavia, aos Seis anos começou novamente a ter pesadelos: desta vez pensava cair em um buraco; durante três semanas acordou quase todas as noites, suando e gritando de terror. Um dia, o menino brincava no pátio do vizinho onde ainda se via neve no chão. Conta a mãe: “Ouvi gritos terríveis que pareciam vir de grande distância. Corri em direção ao porão do vizinho. Parecia que os gritos vinham do chão. Foi quando vi um buraco na tampa estragada de uma fossa e Steve com a água até a cintura mergulhando rapidamente. Eu e o vizinho o retiramos quando a água já lhe chegava aos ombros. Parece que a realização dos sonhos nada mais era que tolice até que isto se deu”.

2º caso - Em uma casa em New Jersey (USA), em 18 de novembro de 1950, um menino de nome Craig, de quatro anos, acordou gritando. O pai foi vê-lo e, com dificuldade, conseguiu acalmá-lo. Então, a criança contou o sonho que tivera: “Sonhei que você tinha caído n’água, papai. Estava cercado de plantas altas. Chamei-o muitas vezes e você procurava sair de dentro d’água. - Os pais esqueceram o episódio. Quem dá importância a sonhos de crianças? O pai tinha combinado com o irmão ir caçar patos, partindo dois dias depois do sonho de Craig. Os dois se esconderam no meio da vegetação alta durante a maior parte do dia. Antes de se prepararem para voltar, atiraram em dois patos que caíram dentro d’água. Entraram no bote para pegá-los.

Dentro de pouco sobreveio terrível vendaval que os afastou para longe. As águas estavam muito agitadas e o bote virou. O irmão se afogou e o pai de Craig pensou que não poderia chegar à praia. Disse lembrar-se constantemente do sonho do filho...

3º caso - Frequentemente a recordação de experiências precognitivas da infância, deixam fortes e inapagáveis impressões. Uma senhora americana do Maine, vivenciou, aos dez anos de idade, o seguinte episódio de precognição. Conta ela mesma: “Acordei naquela manhã muito assustada com um sonho em que vi um homem de pé à minha frente, no vestíbulo. Era moreno e as roupas estavam cobertas de lama. Acredito que o que mais me assustou foram os olhos - os mais maldosos que vira até então. Conte o sonho à minha mãe e ela me animou dizendo que era simplesmente um sonho e que eu fosse para a escola, esquecendo-me de tudo.

Naquela noite, quando estávamos jantando, bateram na porta da frente e meu pai foi abrir. Ouvia-o falar e dentro de alguns minutos ele voltou para a sala de jantar e perguntou a minha mãe se era possível dar pousada a um estranho coberto de lama. Não era nosso costume, mas como sabíamos que as estradas estavam intransitáveis, concordamos que o homem passasse a noite em nossa casa. Meu pai foi com o estranho à estribaria para acomodar o cansado cavalo e voltou para casa com o homem. Quando chegaram à sala de jantar para cear, quase desmaiei. Era o homem que eu tinha visto no sonho naquela madrugada - olhos maus e roupas sujas de lama. Nunca soubemos quem era: saiu de manhã cedo depois de ter tirado o trole de um buraco coberto de neve.

4º caso - Este caso aconteceu na cidade do Salvador nos idos de 1960. Rodrigo, de apenas quatro anos de idade, acorda, no meio da noite, chorando e gemendo. A mãe levantasse preocupada, e tenta acalmá-lo. Acriança,

soluçando, conta que teve um sonho. Viu um animal, que a mãe imaginou ser um boi, atravessando lentamente uma estrada, de uma margem para a outra. Aquela visão, aparentemente insignificante e incompreensível, deixou o menino assustado e deprimido. A mãe ficou ali, até que Rodrigo voltasse a dormir, o que naturalmente aconteceu. De repente, ele acordou sobressaltado, suando abundantemente dizendo que o sonho se repetira. Foi um custo fazê-lo dormir novamente. Nada mais aconteceu. Pela manhã, Rodrigo não mais se lembrava do sonho. Mas a mulher o contou ao marido, que lhe não deu a menor importância. Com o passar dos dias, todos esqueceram o sonho de Rodrigo.

Era uma segunda-feira, o pai de Rodrigo se preparava para mais uma de suas viagens de negócios ao interior da Bahia. Abraçou o pequeno Rodrigo, beijou a esposa e partiu. Uma semana depois a terrível notícia - o seu automóvel chocou-se com um imenso boi que, altas horas da noite, atravessava a estrada que trazia o pai de Rodrigo de volta para casa.

O choque fora tão violento que ele faleceu ah mesmo, na escuridão e no silêncio de uma noite quente do sertão baiano. O sonho de Rodrigo, infelizmente, se concretizou...

[O Passe - Histórico e Conceito \(11/12/1999\)](#)

Desde a mais remota antiguidade que os homens conhecem os segredos do magnetismo. As narrativas a respeito revelam que os magos da Caldéia, na Mesopotâmia e os Bramanes, na Índia, curavam pelo olhar. Os egípcios sabiam utilizar-se do mecanismo do passe e da magnetização para a cura de variada gama de enfermidades.

Em Alexandria, destaca-se o trabalho de Amóbio e Jâmblico que se referiram, em seus escritos, ao conhecimento que possuíam sobre a transfusão

de energias.

Outros povos antigos também dominavam a técnica de curar pelos passes e magnetização, assim como os romanos, os druidas etc.

Mais tarde (século XIX), despontariam as pesquisas realizadas pelo Coronel Albert De Rochas. O processo experimental de De Rochas consistia na aplicação de passes magnéticos longitudinais em seus pacientes, especialmente destinados a provocarem o transe necessário às pesquisas em torno da regressão de memória.

Na conceituação do passe, utilizamos, aqui, as palavras proferidas a respeito pelo Espírito Aristides Spínola, através da mediunidade de Divaldo Franco:

(...) Ensinos espíritas que recomendam a terapia fluídica, através da transmissão das energias de que todos somos dotados, seja pela utilização do recurso do passe, seja pela magnetização da água, usando-se o contributo mental por processo de fixação telepática e transmissão de recursos otimistas, de energias salutares que refazem o metabolismo, contribuindo eficazmente para o restabelecimento da saúde mental e, por extensão, da psicofísica (vide “Terapêutica e Emergência”).

Na Universidade de Kirov, na Rússia, em que os cientistas descobriram o corpo bio-plasmático (perispírito), constatou-se, por meios tecnológicos, que a “força psíquica” de William Crooks é uma realidade vital na estrutura psicofísica do ser humano. O ectoplasma de Charles Richet, agindo nessas experiências como um plasma radiante, ratificou a teoria de Allan Kardec da ação dos fluidos semimateriais nos fenômenos mediúnicos e anímicos. A suposta incompatibilidade de matéria e antimatéria já havia sido afastada pela produção, em laboratório, de um antiátomo de hélio,

comprovando-se a realidade dos espaços interpenetrados. De todas essas pesquisas - assegura o Prof. J. Herculano Pires - resultou necessariamente a comprovação da existência dos fluidos vitais invisíveis do organismo humano e de todos os organismos vivos, fotografados pela Câmaras Kirlian.

Essa revolucionária descoberta de Semyon Davidovich Kirlian, eletricitista de Crasnodar (região perto do Mar Negro), ofereceu-nos a chave do mistério das mãos e do passe.

As mãos funcionam, no exercício do passe como antenas que captam e transmitem as energias vitais.

A Técnica do Passe

A técnica do passe é de domínio dos Espíritos superiores. Somente eles conhecem a situação real do paciente, as possibilidades de ajudá-lo diante dos seus compromissos provacionais, a natureza dos fluidos de que necessita. “Na verdade”, afirma o Prof. J. H. Pires, “O médium só tem uma percepção vaga, geralmente epidérmica, dos fluidos”.

O trabalho do passe, nas casas espíritas, é conduzido pelas entidades mentoras. São elas que, antes de se iniciarem as sessões, estabelecem a proteção imprescindível do ambiente, preparando, *pari passu*, os médiuns. O recinto onde se ministram os passes é um Pronto Socorro. Os médiuns devem sintonizar-se com as esferas espirituais superiores, utilizando-se do recolhimento e da prece. A disciplina e a pontualidade são imprescindíveis.

Em se tratando de um Pronto Socorro, o médium pode assimilar vibrações negativas irradiadas no ambiente, pelos assistidos. Deve-se proceder ao auto-passe e, em seguida, a um trabalho, coletivo, de meditação e relaxamento.

O estudo se faz absolutamente necessário. O dirigente dos trabalhos deve indicar aos médiuns passistas uma bibliografia adequada às tarefas que executam. Recomenda-se a leitura, em primeiro lugar, das obras básicas da codificação do Espiritismo: “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, “O Céu e o Inferno” e a “Gênese”. Em seguida, os médiuns deverão lançar mão da bibliografia subsidiária, a exemplo das obras de Ernesto Bozzano, Paul Gibier, Carlos Imbassahy, J. Herculano Pires, Charles Richet, Gabriel Delanne, Léon Denis e outros expoentes da Ciência Espírita.

Mecanismo do Passe:

O passista é, naturalmente, o intermediário entre o magnetizador espiritual e o paciente. Cria-se uma ligação sutil entre o necessitado e o socorrista e, por semelhante elo de forças, ainda imponderáveis no mundo, verte o auxílio da Esfera Superior, na medida dos créditos de um e de outro.

Videntes já visualizaram as excelências do passe sob orientação segura da Espiritualidade esclarecida:

Os passistas afiguravam-se como duas pilhas humanas deitando raios de espécie múltipla, a lhes fluírem das mãos. Os recursos magnéticos, aplicados a reduzida distância, penetravam o ‘halo’ vital ou a aura dos doentes, provocando modificações subitâneas.

Os Elementais (18/12/1999)

Afirma Paul Broadhurst que a Terra não é um produto do acaso cósmico, mas um imenso corpo vivente, resultante do trabalho incessante das forças elementares.

A Terra é constituída por quatro elementos básicos - a terra, o ar,

água e o fogo. Os seres da natureza, encarregados de cada elemento, cuidaram para que tudo fosse feito com exatidão. Como a Terra ainda era uma massa de gases radiativos e matéria incandescentes, coube aos elementais do fogo executar o trabalho. Mas, quando apareceram os gases estáveis na sua composição química, e à época dos grandes ventos, os elementais do ar zelaram pela evolução desses gases incipientes e sua estratificação sobre o recém-consolidado vértice terrestre, de modo a se tornar cada vez mais apto para receber as formas de vida física que estavam planejadas.

Quando os gases se tornaram pesados e se precipitaram sobre às águas que cobriam quase todo o planeta, coube aos elementais da água modificarem o aspecto primitivo do líquido. Este começou a se solidificar, provocando o surgimento dos continentes que, a pouco e pouco, foram fertilizados pelos elementais da terra. Essa fertilização suscitou o surgimento dos vegetais. Por tais motivos - segundo explicitam os experts no assunto - é que não existem criações separadas: tudo está vinculado, formando uma cadeia a qual não pode nem deve ser rompida, sob pena de provocar uma catástrofe que pode ser irreparável.

Eis alguns elementares que estiveram envolvidos na formação e na manutenção do nosso planeta: os do fogo, são as salamandras. Na teoria formulada por Paracelso, as salamandras eram compostas das mais sutis partículas da esfera ígnea;

as sílfides, que são os elementares do ar. Podem mostrar-se com uma forma masculina ou feminina, irredescente, pulsante, não limitada por um corpo definido;

as ninfas, que trabalham com as águas. Elementares femininos dos rios, das fontes, dos bosques, das montanhas. Esses elementares se

apresentam como jovens de rara e estonteante beleza;

os gnomos, elementares que habitam o seio da terra, guardando-lhe os tesouros;

e os devas, anjos e arcanjos.

A descrença nos elementais é generalizada, alegando-se que ninguém os vê. Essa invisibilidade - afirmam os especialistas do momentoso tema - é relativa e pode ser explicada da seguinte forma: eles são formas de vida com corpos no plano prânico, e com múltiplas graduações, dificilmente perceptíveis aos olhos humanos. Entretanto, como acontece com a eletricidade - que é invisível mas produz resultados concretos -, os elementais também conseguem efeitos reais, comprovando, assim, a sua existência.

Os Fenômenos de Findhorn

Afirma-se que uma das mais interessantes provas dadas pelos elementais quanto a sua realidade aconteceu em Findhorn (Escócia). Diante devastação que assolava a Terra, os elementais elaboraram um plano para mostrar que existem e que têm condições de conseguir resultados extraordinários.

Para tanto, escolheream uma área completamente refratária a qualquer tipo de cultura. Em seguida, convidaram uma sensitiva e três outras pessoas. Inicialmente, os elementais sugeriram à sensitiva que oito sementes de repolho fossem plantadas em determinado trecho da área escolhida. A colheita foi surpreendente - repolhos, cujas sementes foram colocadas na areia, chegaram a pesar cerca de vinte quilos. Com o tempo, sendo cultivados outros produtos, a área inóspita tornou-se

admiravelmente fértil, um verdadeiro paraíso com flores, árvores frutíferas frondosas, arbustos etc.

O projeto bem sucedido dos elementais prova que, mais tarde, após o homem devastar o planeta, eles têm condições de cooperar na sua recuperação.

Maiores esclarecimentos sobre o assunto deve-se consultar a obra “Introdução à Teoria dos Elementais”, de Antônio Jorge Thor.